

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

FRANCINEIDE VIEIRA DO NASCIMENTO SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA LÚDICA INDÍGENA PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**SÃO PAULO
2023**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCINEIDE VIEIRA DO NASCIMENTO SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA LÚDICA INDÍGENA PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de pedagogia, como avaliação e exigência parcial para obtenção do diploma de **Pedagogo**, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Anita Viviani Martins.

SÃO PAULO
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Catálogo da Publicação
Sistema de Bibliotecas e Informação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento.

Contribuições da cultura lúdica indígena para a educação infantil / Francineide Vieira da Nascimento Silva – São Paulo, 2023. f. 75.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Anita Viviani Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, apresentado à Faculdade de Educação, curso de pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogia, 2023.

Área de concentração:

1. Cultura
2. Povos Indígena
3. Jogos e Brincadeiras
4. Educação Indígena.

**CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA LÚDICA INDÍGENA PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado pela Comissão Examinadora
constituída por:

Prof.^a Dr.^a Maria Anita Viviani Martins
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Marília Josefina Marino
Banca Examinadora

Aprovado em: 24/11/2023.

MEMORIAL DISCENTE

Eu, Francineide Vieira do Nascimento Silva, tenho 22 anos e pertenço ao povo indígena da etnia Pankararu, considero-me determinada, gosto de atender aos meus compromissos em tempo certo, me dedicando ao máximo nas ações necessárias a serem feitas, estou disposta a conhecer novas experiências e nasci na cidade de Jatobá em Pernambuco - PE. Minha família e parentes praticamente todos também nasceram lá, e a maioria vive até hoje no território indígena Brejo dos Padres e cidades próximas, isto é, Tacaratu, Petrolândia, Paulo Afonso e outros na Capital Paulista.

Apenas no ano de 2007 partimos para São Paulo, praticamente há 16 anos; moro no bairro do Real Parque – Morumbi na zona sul, com meus pais Lucineide e Francisco e dois irmãos Lucas e Maicon. Meu pai trabalha como pedreiro e minha mãe dona de casa, os mesmos não tiveram a oportunidade de ingressar em uma universidade. Como tive essa oportunidade meus pais me ajudaram e apoiaram desde o início, eles sempre foram e vão ser a minha base e o meu alicerce durante toda a vida.

Durante o tempo que morei em Pernambuco, não cheguei a ter educação infantil na creche, morei lá até o ano de 2007 quando minha mãe resolveu vir para São Paulo comigo e meu irmão, pois meu pai já estava nesta capital. Viemos por condições de vida e trabalho que era muito difícil naquela época. Quando em São Paulo fomos morar de aluguel com meu pai e durante esse tempo minha mãe conseguiu vaga na “EMEI - Pero Neto” e foi aí que comecei a frequentar a escola junto com meu irmão.

Em 2010 no mesmo local, teve o incêndio no Real Parque, minha casa foi atingida e por não ter para onde ir eu, meu irmão e meus pais tivemos que morar na casa da minha tia/madrinha, por um tempo, até conseguirmos outro local. A mesma por ser formada em pedagogia dava aulas pra mim, meu irmão e meus primos quando tinha tempo na casa dela, ou seja, fazia brincadeiras de escolinha e a gente adorava.

Lembro-me da infância tanto na escola quanto em casa de quando minha família, tios e primos se reuniam para a gente ir ao parque, por exemplo, do Ibirapuera e Villa Lobos aos dias de domingo em que levávamos bicicleta, patins, bola e fazíamos piquenique. Recordo-me também de quando iria fazer 7 anos de idade e meus pais fizeram o meu primeiro aniversário com direito a um tema para decoração. Foi um dia incrível onde pude me reunir com a família e amigos. Essas são algumas das minhas recordações da infância!

Como visto anteriormente, comecei meu percurso escolar na EMEI e assim por diante, Ensino Fundamental e Médio, sempre em escolas públicas. Após ter concluído o Ensino Médio em 2019, veio a oportunidade de prestar o vestibular no mesmo ano, através do Programa Pindorama e a PUC-SP. Confesso que fiquei muito indecisa entre o sim e não (quem sabe mais para frente). Pois, não sabia exatamente qual curso iria cursar. Mas, pensando bem, resolvi prestar o vestibular e passei na prova, até porque eu sabia que poderia mudar de curso ao longo do caminho, então minha escolha foi a Pedagogia, uma profissão que me inspirou a conhecer seu lado teórico e prático.

Quando comecei a faculdade, veio a pandemia e assim foram por dois anos. Ao passar esse período tudo foi se normalizando e no ano de 2022, busquei procurar alguma escola para ampliar meus conhecimentos na área. Após

conseguir uma oportunidade na Rede Fadelito Pinheiros com uma turma de educação infantil e depois na EMEF "José de Alcântara Machado Filho", eu pude vivenciar experiências maravilhosas, pois buscava sempre aproveitar no dia a dia todos os momentos que me oportunizaram adquirir novos aprendizados e vice-versa, entre as crianças e demais colaboradores das instituições de ensino. Devido ao meu percurso na universidade e em situações práticas vividas no estágio, pretendo seguir a área da educação infantil e futuramente cursar uma pós-graduação.

No início da disciplina: "Metodologia da Pesquisa em Educação", sobre questões relacionadas ao pré-projeto para começar o TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, eu não sabia qual seria o meu tema de pesquisa para mais aprofundamento teórico, mas ao mesmo tempo queria muito falar de algo que envolvesse os povos indígenas. Desta forma, foi através de pesquisas, reflexões no dia a dia de situações vivenciadas no estágio que surgiu a ideia de falar sobre "Jogos e Brincadeiras Indígenas na Educação Infantil". Após ter decidido a temática, encontrei algumas dificuldades na elaboração escrita, pois não sabia exatamente o que eu queria trazer de conteúdo para o trabalho.

Conforme fui desenvolvendo essa produção percebi que as pesquisas e minhas contribuições do que tinha em mente, além da ajuda, orientação e sugestões da Prof.^a Marília Josefina Marino e Minha Orientadora Maria Anita Viviani Martins, meu Trabalho de Conclusão de Curso faz muito mais sentido. Então, posso dizer que mesmo com as dificuldades encontradas, a evolução e desenvolvimento da pesquisa foram maiores do que eu esperava. O intuito deste estudo é apresentar para os leitores, o quanto podemos trabalhar a interculturalidade de práticas lúdicas voltadas aos povos indígenas de forma

significativa, assim como as demais práxis não indígenas e sem visões preconceituosas.

A Autora

São Paulo, 23 de setembro de 2023

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, á autora Francineide Silva pelo empenho, dedicação durante a elaboração da pesquisa e a coragem de questionar a realidade, buscar e propor uma possibilidade. À minha família, ao meu povo Pankararu, aos demais povos indígenas, educadores e leitores que enxergam a necessidade de mudanças nos espaços educacionais e acreditam no futuro através da educação intercultural.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus e a força dos encantados (praiás), por me conceder sabedoria, saúde e estar sempre ao meu lado me fortalecendo diante das dificuldades. Aos meus pais Francisco Silva e Lucineide Silva, irmãos e namorado que me apoiaram, ajudaram e incentivaram nos momentos bons e difíceis da minha vida. A minha tia/madrinha e avós que mesmo distante torce por mim. As duas parcerias, Programa Pindorama e à PUC-SP pela oportunidade de iniciar um curso, obrigada por cada momento e experiências vividas durante esses quatro anos. Ao Dr. Benedito Prezias, Daniella Reis e coordenadores do Pindorama, minha imensa gratidão pelo acolhimento, ajuda, troca e disponibilidade. A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Anita Viviani Martins por me orientar, incentivar, auxiliar, motivar a continuar e pela paciência durante o meu percurso acadêmico. Também a Prof.^a Dr.^a Marília Josefina Marino, pela disciplina: "Metodologia da Pesquisa em Educação, onde pude ter uma base para começar minha pesquisa e demais docentes que fizeram parte deste processo. As escolas que realizei estágio e residência pedagógica, as quais poderão me proporcionar experiências e momentos incríveis que de alguma forma me fizeram buscar mais conhecimentos voltados à temática indígena. E por fim, a todos (as) meus amigos/colegas que fizeram parte da minha trajetória, sem o apoio de todos os envolvidos este trabalho de conclusão não teria se concretizado.

Os jogos e as brincadeiras lúdicas de origem indígena, além de trabalharem a ancestralidade, ampliam a visão de mundo e cultural de cada estudante independente de ser ou não indígena.

RESUMO

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. Contribuições da cultura lúdica indígena para a educação infantil __ f. 75. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP 2023.

Na sociedade, os jogos e brincadeiras tradicionais embora estejam presentes em diversos aspectos do nosso cotidiano, nem sempre são valorizados. Deste modo, necessitam ser resgatados e transmitidos com mais clareza, pois fazem parte do contexto de várias gerações que nos proporcionam conhecimentos muito mais do que imaginamos. Foi pensando nessas questões que busquei compreender e apresentar aos leitores, a origem e como a cultura lúdica indígena pode auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação infantil, tanto no sentido social quanto no educacional, isto é, voltados a práticas de jogos e brincadeiras, como uma construção significativa na identidade da criança e a importância de sua relação com a cultura dos povos nativos do Brasil. Com o intuito de valorizar a cultura indígena e a legislação que a torna obrigatória nas escolas, apresento brevemente as pautas contidas na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), que tratam e defendem as concepções pedagógicas da Educação Escolar Indígena, também a funcionalidade, os desafios e possibilidades dessas situações práticas nas escolas indígenas e não indígenas. Ressalto estudos semelhantes para a importância e valor da formação e perfil do educador (a) sobre a temática indígena para que possam lidar com vários desafios que podem surgir com a introdução do ensino escolar. A temática indígena, por ser enriquecedora de conteúdo, sugerir aos docentes, uma sequência de jogos e brincadeiras de origem indígena, a confecção, além da forma de trabalhar essas propostas com as crianças, de maneira que não reforce visões estereotipadas sobre os povos indígenas, pois eles tem uma cultura rica e muito a nos ensinar.

PALAVRAS - CHAVE: Cultura – Povos Indígenas – Jogos e Brincadeiras - Educação Indígena.

ABSTRACT

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. Contribuições da cultura lúdica indígena para a educação infantil __ f. 75. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP 2023.

In society, traditional games, although they are present in various aspects of our daily lives, are not always valued. In this way, they need to be rescued and transmitted on more clearly, as they are part of the context of several generations that provide us with much more knowledge than we imagine. It was thinking about these issues that I sought to understand and present to readers, the origin and how the indigenous ludic culture can help in the process of development and learning of the child in Early Childhood Education, both in the social and educational sense, that is, focused on practices of games and games, as a significant construction in the identity of the child and the importance of its relationship with the culture of the native peoples of Brazil. In order to value the indigenous culture and the legislation that makes it mandatory in schools, I briefly present the guidelines contained in the LDB – Law of Guidelines and Bases of National Education (1996), which deal with and defend the pedagogical conceptions of Indigenous School Education, as well as the functionality, challenges and possibilities of these practical situations in indigenous and non-indigenous schools. I highlight similar studies for the importance and value of the educator's training and profile on the indigenous theme so that they can deal with various challenges that may arise with the introduction of school education. The indigenous theme, as it is enriching in content, suggests to the teachers, a sequence of games and games of indigenous origin, the making, in addition to the way to work these proposals with the children in a way that does not reinforce stereotyped views about the people indigenous people, as they have a rich culture and a lot to teach us.

KEY-WORDS: Culture – Indigenous Peoples – Games and Games –
Indigenous Education.

LISTA DE SIGLAS

CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEB	Câmara de Educação Básica
CHC	Ciências Hoje das Crianças
CNE	Conselho Nacional de Educação
COPEL	Coordenadoria Pedagógica
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
DCNEEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PE	Pernambuco
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCEI	Referencial Curricular para as Escolas Indígenas
SME	Sistema Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1° – Terras Pankararu crianças brincando.....	36
Imagem 2° – Crianças indígenas brincando de faz de conta na aldeia Pankararu.....	37
Imagem 3° – Crianças brincando de arranca mandioca.....	38
Imagem 4° – Indígena se preparando para fazer um arremesso de lança.....	39
Imagem 5° – Crianças indígenas brincando de cabo de força.....	39
Imagem 6° – Competição entre crianças: corrida com o maracá.....	40
Imagem 7° – Ritual Pankararu/bate gancho.....	41
Imagem 8° – Disputa entre indígenas/Povo Xinguano.....	41
Imagem 9° – Competição de futebol feminino.....	42
Imagem 10° – Competição de futebol masculino.....	42
Imagem 11° – Crianças jogando o “Jogo da onça”.....	44
Imagem 12° – Peteca indígena original: Palha de milho seca.....	46
Imagem 13° – Peteca indígena: Material reciclável/Jornal.....	46
Imagem 14° – Boneco graveto: Original.....	47
Imagem 15° – Boneco graveto: Confeccionado.....	47
Imagem 16° – Sequência de imagem: Criança realizando a confecção de um boneco talher de madeira.....	48
Imagem 17° – Sequência de imagem: Criança realizando a confecção de um boneco pessoa graveto.....	50
Imagem 18° – Maracá indígena: Original/Povo Pataxó.....	51
Imagem 19° – Práias no ritual/três rodas/povo Pankararu.....	51
Imagem 20° – Maracá: Material reciclável: Garrafa pet.....	51
Imagem 21° – Bilboquê indígena: Original.....	52

Imagem 22° – Bilboquê: Materia reciclável: Garrafa pet.....52

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1. ORIGEM E VALORIZAÇÃO DA CULTURA LÚDICA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
1.1 Uma breve descrição sobre o funcionamento das práticas educativas nas escolas indígenas e não indígenas atualmente.....	27
1.2 Lutas, desafios e possibilidades no contexto atual das escolas indígenas e não indígenas.....	30
1.3 Formação inicial e continuada do educador (a) sobre a cultura indígena.....	32
CAPÍTULO 2. PERFIL DE EDUCADORES (AS) INDÍGENA.....	35
2.1 Jogos e brincadeiras indígenas na primeira infância.....	36
3. CONFECÇÕES DE BRINQUEDOS INDÍGENAS: CRIAR, FAZER E BRINCAR.....	45
3.1 Propostas de atividades/brincadeiras da cultura lúdica indígena para a educação infantil de forma reflexiva e sem reforçar visões estereotipadas.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico é exploratório, considerando seus objetivos, utiliza uma metodologia baseada em pontos de vista dos autores, que buscam explicitar o porquê do assunto tratado para melhor compreensão do pesquisador. O levantamento de dados relativos à investigação caracteriza-a como bibliográfica de caráter analítico. Gil, Antônio Carlos, 1946, apresentou em seu livro “Como Elaborar Projetos de Pesquisa” _ 4° ed. – São Paulo: Atlas, 2002, um direcionamento para a autora investigar e refletir sobre a elaboração e desenvolvimento do seu projeto de pesquisa de acordo com os princípios da Metodologia Científica.

Ao longo das leituras no trabalho, contém princípios básicos de maneira simples e acessíveis de procedimentos adotados nas diversas modalidades de pesquisa científica. As fontes deste trabalho são sites, livros, documentos oficiais norteadores das práticas pedagógicas, além de obras qualificadas sobre o tema. No desenvolvimento do trabalho buscou-se analisar e apresentar a contribuição da cultura lúdica indígena, em geral, voltada para crianças indígenas e não indígenas da Educação Infantil, mostrando que o lúdico é considerado como importante fator no processo ensino e aprendizagem.

Diante dos artigos e leituras realizadas, foi possível constatar que a educação indígena é fundamental dentro da nossa sociedade, pois apresenta um papel de suma importância para o desenvolvimento e formação de indivíduos de diversas faixas etárias, críticos e socializados. É certo que a construção e inclusão de um currículo com base na interculturalidade no ambiente escolar, não só possibilita o conhecimento de outras culturas, mas também auxilia no processo de ensino-aprendizagem na medida, que hajam meios, ideias e preparo do corpo docente para lidar com este novo desafio, a cultura e a educação, juntos tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos educando e dos educadores.

Ao longo de outras pesquisas para mais aprofundamento teórico do que nos propomos a construir, a perspectiva é trabalharmos com uma visão de educação que favoreça o respeito à diversidade e reconhecimento da cultura indígena para

um país que precisa valorizar os povos originários, de forma a participarem ativamente como cidadão.

Foi a partir da Constituição de 1988, que os povos indígenas passaram a ter direito a uma educação escolar específica, intercultural e bilíngüe, ou melhor, mantiveram um modo próprio de educação indígena. Agora, eles se apropriam dessas escolas para transformá-las em ferramentas úteis para sua vida. As leis subsequentes à Constituição que tratam da Educação têm abordado o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos e saberes dos povos e a formação dos mesmos para atuarem como docentes em suas comunidades. Então as escolas indígenas têm direito a:

- Ensinar as línguas indígenas, além do português;
- Ter um calendário escolar adaptado às atividades rituais e cotidianas de cada contexto;
- Transmissão de conhecimentos tradicionais dentro da escola;
- Participação da comunidade nas decisões dos objetivos da escola, a fim de melhorias.

Segundo a LDB - Lei de Diretrizes e Bases (1996), cada sistema de ensino e estabelecimento escolar indígena, contempla como um dos meios educacionais, o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, garantindo o respeito às identidades étnicas. Abaixo estão artigos da LDB que defendem essa ideia:

- Parágrafo 3º do artigo 32 "assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem".
- A LDB. 96, artigo 78 afirma que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngüe para a "reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e conhecimentos valorizados pela sociedade nacional".
- O artigo 79 prevê que a União apoiará técnica e financeiramente os

sistemas de ensino estaduais e municipais no provimento da educação intercultural às sociedades indígenas, desenvolvendo “programas integrados de ensino e pesquisa (...) planejados com audiência das comunidades indígenas (...), com os objetivos de fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna (...) desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades (...), elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado”.

Partindo desse contexto, além dos povos indígenas aprenderem ou aprimorarem o domínio da língua portuguesa escrita, muitos povos, anteriormente, intensificaram o processo de construção de sistemas alfabéticos escritos de suas próprias línguas de origem, mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilingüismo simbólico importante que se encontram presentes em rituais, cantos, narrativas entre outros, antes transmitidos apenas através da oralidade, que estão sendo escritos pelos próprios indígenas. Portanto, é um elemento central e fundamental desse processo, uma característica significativa da literatura escrita indígena é sua estreita e profunda relação com a tradição oral.

Alguns estudiosos definem a escrita como parte do comportamento comunicativo humano de transmitir e trocar informações; ou seja, a escrita pode ser vista como uma forma de interação pela qual uma ação das mãos (com ou sem instrumento) deixa traços numa superfície qualquer; nesse sentido, a escrita pode ser concebida como uma forma não apenas alfabética para representar idéias, valores ou eventos. Entendido assim, a escrita sempre esteve presente nas culturas indígenas no Brasil na forma de grafismos feitos em cerâmica, tecidos, utensílios de madeira, cestaria e tatuagens. Por outro lado, a escrita propriamente alfabética, registrando no papel a fala e o som, foi introduzida no Brasil pela colonização européia, e desde o século XVI está presente de formas variadas nas comunidades indígenas; porém, foi apenas nas duas últimas décadas que surgiu o que pode ser chamado de fenômeno da escrita indígena no sentido do

aparecimento de um conjunto de textos alfabéticos escritos por autores indígenas (SOUZA, 2006, on-line, pág. 3).

As histórias indígenas são divididas em dois grandes grupos, isto é, presente e passado. As literaturas de hoje são narrativas históricas, geralmente de autoria individual, que tratam de fatos e acontecimentos situados no presente atual, como por exemplo, a luta pela demarcação de territórios. Já os contos literários de antigamente são narrativas originadas da oralidade performática e mítica, geralmente de autoria coletiva, que tratam de fatos e acontecimentos situados no “tempo de antigamente”, também chamado de presente anterior ou tempo mítico, segundo informações de Souza (s.d., on-line).

O Brasil é um país multilíngue, mas muitos brasileiros se espantam quando ouvem falar no grande número de línguas indígenas existentes. Isto acontece, porque nos são transmitidas informações erradas, por exemplo: "os indígenas falam (tupi-guarani)". Mas, assim como não há um indígena genérico, e sim uma diversidade de etnias indígenas distintas, não há apenas uma língua indígena, é necessário combater esse pensamento discriminatório.

No Brasil, existem 274 línguas indígenas que pertencem a dezenas de famílias linguísticas diferentes e possuem uma origem comum. Atualmente há poucos dados sobre a situação dessas línguas, seus falantes e demais informações. Com base em semelhanças gramaticais e de vocabulário, as línguas indígenas faladas no Brasil como, por exemplo, Karib, Macro-Jê, Tupi, Yanomami dentre outras, se agrupam em "famílias linguísticas" que possuem semelhanças, ou "línguas isoladas", que não apresentam parentesco e por fim, as "línguas de contato", mais conhecidas.

É importante entender que as pessoas muitas vezes usam variedades distintas de uma mesma língua, para dizer aos outros que são diferentes, que têm uma identidade própria. Esse é um dos motivos pelos quais as escolas indígenas e não-indígenas no país devem reconhecer e respeitar a imensa diversidade linguística existente.

Não se pode dizer de língua alguma que ela é uma invenção do povo que a fala. O contrário seria mais exato; é ela que nos

inventa, por LOURENÇO, Eduardo. (Museu da Língua Portuguesa, n.p.).

Valorizando esses grupos de indígenas e as práticas lúdicas, assim como outros criadores não indígenas são reconhecidos e valorizados pelas suas Atividades lúdicas, vamos considerar não só uma sequência de jogos, mas a forma de propor para as crianças. Ao trabalharmos propostas lúdicas de cultura indígena com crianças da Educação Infantil é dar-lhes a oportunidade de, desde pequenas, aprenderem a respeitar as diversidades.

É importante no ambiente escolar que os educadores (as), levem mais a sério as práticas pedagógicas e descartem essa idéia de apenas fazer cocares, colares, flechas e canoas para brincar de índio, ou seja, produções essas sem sentido para as crianças. Os povos indígenas, não são uma brincadeira, nem uma fantasia. São povos com uma cultura maravilhosa que deveria ser reconhecida por nós brasileiros.

Fica evidenciada, a relevância da presente investigação, tanto do ponto de vista científico, quanto frente ao contexto social, conhecer o funcionamento, desafios e possibilidades das redes educacionais indígenas e não indígenas, pois visamos uma contribuição socioeducativa de estudos semelhante ao que foi exemplificado para a importância e valor que traz a formação e perfil do educador (a), sobre a temática indígena de forma especial, para a educação infantil.

CAPÍTULO 1

Origem e valorização da cultura lúdica indígena na educação infantil.

O estudo e desenvolvimento sobre esta pesquisa partiu de uma série de reflexões sobre as práticas pedagógicas que vivenciei durante o estágio com uma turma de educação infantil regular, ou seja, não indígena. Entretanto, os meus conhecimentos das ações pedagógicas que acontecem de fato nas escolas indígenas, para cada etapa da educação básica lidam com variadas maneiras de formar alunos sem perder a essência da cultura.

Fernanda Clímaco (2022), afirma que é importante lembrar que não há um dia marcado para isso, assim como vemos ainda em muitas escolas, principalmente não indígenas. Vivenciar a cultura na escola significa muito mais que vivenciar algumas datas que são comemoradas, isto é, buscam fortalecer as identidades étnicas, valores e princípios básicos para uma educação específica, bilíngue e intercultural, voltada para os alunos e suas comunidades, o acesso às informações, conhecimentos das demais sociedades sejam elas indígenas ou não.

O foco neste trabalho é como implementar a cultura lúdica indígena nas escolas de forma diversificada, pois como visto atualmente nas escolas, a maioria dos educadores (as), só trabalham essas práticas lúdicas e outras questões relacionada à cultura indígena de modo formal, quando chega o dia 19 de abril, conhecido no Brasil todo como: “dia do índio”. No entanto, atualmente, essa data passou a ser considerada como o dia da resistência indígena, pois seguimos resistindo a ataques e lutando para não perder o direito de nossas terras. Há indígenas em todas as regiões do território brasileiro, a população tem crescido de forma constante em todos os pontos do país,

Os povos indígenas passaram a ser mapeados pelo IBGE em 1991, com base na autodeclaração no quesito “cor ou raça”. No entanto, a partir do Censo de 2022, o instituto ampliou a metodologia, contando com a participação das próprias lideranças das comunidades no processo de coleta de dados e passando a considerar outras localidades indígenas além das terras oficialmente delimitadas. (online, por Velasco, Clara; Croquer, Gabriel; Pinhoni, Marina. g1, 2023 - n.p.)

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2023) destacou que atualmente existem no Brasil 1.693.535 indígenas distribuídos em 305 povos originários, ou seja, etnias diferentes, que falam 274 idiomas – chamados assim por serem os primeiros habitantes, quando o Brasil foi “descoberto”, em 1500. Segundo a revista, (CHC, abril/2023), estima-se que nesta mesma época da descoberta viviam cerca de três milhões de indígenas ocupando o território brasileiro alguns mais próximos do mar, outros mais para o interior.

A cultura indígena está relacionada a um conjunto de valores, conhecimentos e costumes dos povos nativos. Assim sendo, não existe uma única cultura indígena, mas uma enorme diversidade cultural representada por civilizações autônomas. O que os diferencia é a forma que encontraram para manifestar a própria originalidade, isto é, modos de pensar e agir únicos.

A maior parte vive em suas aldeias, por exemplo, muitos estudam, e trabalham como autônomos, ou seja, por conta própria. Deste modo, cuidam das tradições, rituais e tem desenvolvido a agricultura (um dos principais meios de sobrevivência dos Pankararu) e a criação de animais domésticos como galinhas, vacas, carneiros, além de muitos outros afazeres. Já os que levam a vida na cidade, estudam, trabalham, escrevem livros, dão aulas e muito mais, como qualquer pessoa do meio urbano. Entre as diferentes etnias, temos os Pankararu, Ianomâni, Guajajara, Terena e muitos outros povos.

Os índios são cidadãos brasileiros, portadores de direitos e deveres consagrados na legislação, que reconhecem as diferenças etno-culturais e linguísticas como valor positivo e edificante da nacionalidade brasileira. Conhecer, valorizar e aprender com essas diferenças é condição necessária para o convívio construtivo, à comunicação e a articulação de segmentos sociais diversos que, apesar disto, e mantendo suas especificidades, sejam capazes de uma convivência definida por democracia efetiva, tolerância e paz. (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, 1999, (pág 7 e 8).

No documento, Currículo da Cidade: Povos Indígenas: Orientações pedagógicas - São Paulo: SME / COPED, 2019, (pág. 15), consta a seguinte questão: “Indígenas sim! Índios não!” É preciso nos libertarmos deste conceito

que desvaloriza nossa diversidade, já que, não é a mesma coisa, precisamos entender que não existem “índios” no Brasil. Ser “índio” é pertencer a quê? É trazer consigo todos os adjetivos não apreciados em qualquer ser humano. Isto é, uma palavra preconceituosa, racista, colonialista, etnocêntrica e eurocêntrica.

No período colonial das grandes navegações e descobrimentos, a visão eurocêntrica coloca a cultura europeia como a mais importante do mundo e os demais povos principalmente indígenas como algo unificado, de menor importância, monocultural, mas essa visão da existência de uma essência cultural se encontra distante de representar um mundo que há muito é multicultural.

Na escola, reconhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro é um desafio. De certo, todos os professores sabem, historicamente, como a nação brasileira foi formada. Mas, conhecer os aspectos socioculturais dos povos originários é uma coisa, posicionar-se contra toda discriminação baseada em diferenças culturais (de classe, gênero, crença e etnia) é outra bem diferente. Como visto, a visão eurocêntrica se encontra ainda muito presente nas práticas e representações do mundo contemporâneo. Ao refletir sobre a questão não devemos percorrer o mesmo caminho da visão eurocêntrica e de uma hora para outra diminuir certas formas de cultura ou tentar apagar nosso passado de colonizadores.

De acordo, com o livro Histórias de índio do autor Daniel Mundurucu - (1998), ao longo da história do Brasil muitos povos foram exterminados pela ganância dos estrangeiros, os indígenas eram vistos como seres selvagens, ou seja, inferiores por não conter elementos considerados, pelos europeus, símbolos de civilização e progresso, até que restaram apenas cerca de duzentos povos com grande diversidade cultural. Boa parte dos povos indígenas ainda sofre diferentes formas de violência.

No passado, os colonizadores europeus invadiram e tomaram boa parte de seu território, obrigaram muitos a negar suas crenças e se converter ao cristianismo, escravizou homens, mulheres e crianças indígenas, e os forçaram a se tornar seus aliados para sobreviver. Hoje, não há mais os colonizadores do passado, mas ainda há quem roube as terras indígenas e as riquezas dessas regiões, escravize os diferentes povos e queira negar suas culturas. Por essas razões, são comuns as notícias de conflitos

entre indígenas e não indígenas. É preciso lembrar que indígenas são humanos, que desfrutam dos mesmos direitos que qualquer pessoa não indígena. É preciso também lembrar e respeitar o fato de serem povos originários vítimas das mais diferentes crueldades, que fizeram restar tão poucos. Por isso, é preciso apoiar o que se chama de política indigenista, isto é, cobrar dos governantes o cumprimento de leis que protegem as terras indígenas, assim como a saúde e as diferentes culturas dos povos que ainda resistem. Revista - Ciências hoje das Crianças - (CHC, abril/2023 – pág, 5).

Sendo assim, atualmente somos chamados indígenas, pois é a mesma coisa que nativo e original de um lugar. Ser um indígena é pertencer a um povo específico, Pankararé, Guarani e Xavante, por exemplo. Precisamos aprender como chamá-los, como conhecê-los, como valorizá-los. Precisamos encontrar um lugar para eles dentro de cada um de nós. A melhor maneira de fazer isso é conhecendo-os da melhor forma que pudermos. Será importante visitar a legislação que torna obrigatória o estudo da cultura indígena na Educação Básica, aliás, ainda há desconhecimento dos educadores (as) sobre os povos indígenas. A escola é uma entidade socializadora que deve incorporar as diversas culturas, afim de que haja um ambiente sociável onde todos possam manifestar seus ideais sem medo de serem tachados como antiéticos e serem discriminados pela cultura que estes manifestam ou pertencem.

A gente deveria recontar a história dos povos indígenas de forma diferente. Ainda usamos a versão do colonizador na escola, que fala que o Brasil foi descoberto. Mas a verdade é que foi invadido. Precisamos contar como o Brasil foi construído e valorizar a cultura dos diversos povos indígenas, que estão por todo o país, diz Txai Suruí, ativista – (online, por ALFANO, Bruno, 2022 - n.p.),

Conversar sobre os povos indígenas: quem são, o que vestem, o que comem e em qual contexto vivem, é uma forma muito rica de trazer para as crianças um pouco da cultura indígena, através dos eventos escolares ou outros meios pedagógicos. Não, se deve apresentá-los como raridades, mas apenas

como pessoas iguais a nós, brasileiros, com hábitos um pouco diferentes, alguns que moram nas cidades e outros no Interior.

Expressar que podemos aprender muito com eles, por exemplo, eles não destroem a natureza - "só matam os bichos" que vão comer, derrubam poucas árvores, não poluem os rios. De acordo, com a revista: Ciências hoje das Crianças - (CHC – abril/2023), vale lembrar que nossas crianças, por influência da televisão, de profissionais de educação e pessoas ao seu redor, imaginam que todos indígenas andam nus ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha na mão. Essa descrição feita pelos portugueses há séculos está idealizada no imaginário popular, de forma que, quando se vê um indígena usando roupa e mochila, indo para a escola, desconfia-se que não é indígena de verdade. É preciso tomar cuidado para lhes transmitir a imagem real dos povos indígenas brasileiros atuais.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), a educação infantil se apresenta como uma demanda política e social que deverá ser cuidadosamente planejada e avaliada no que se refere ao respeito aos conhecimentos, às culturas, às línguas, aos modelos de ensino e aprendizagem, dentre outros aspectos. De acordo com o Parecer CNE/CEB nº 20/2009, em seu art. 8º, § 2º, as propostas pedagógicas para os profissionais que optaram pela Educação Infantil devem:

- a) propiciar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo;
- b) reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças;
- c) dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas socioculturais de educação e cuidado coletivos da comunidade;
- d) adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender às demandas de cada povo indígena.

Nesse sentido, tais propostas devem garantir o acesso das crianças não apenas aos conhecimentos tradicionais de seus grupos sociais de origem, mas também aos conhecimentos de outros grupos ou culturas.

1.1 Uma breve descrição sobre o funcionamento das práticas educativas nas escolas indígenas e não indígenas atualmente.

Desde a década de 70, a educação indígena vem obtendo avanço significativo tornou-se reconhecida pelo Estado Brasileiro através de muitos esforços dos povos indígenas, o professor/diretor: Celso David – Pankararu - PE, informou que atualmente, há treze escolas indígenas situada no Povo Pankararu, elas atendem a uma nova proposta curricular, em substituição aqueles modelos de educação que ao longo da história eram essenciais, já que tais referências nunca corresponderam aos interesses políticos e às pedagogias da cultura indígena.

Anteriormente, não existia um documento construído pelos próprios indígenas e que expressasse o entendimento destes sobre a função social das escolas. Portanto, a partir de 2000, todos os povos indígenas de Pernambuco começaram a sistematizar os Projetos Políticos Pedagógicos de seus povos, e diferentemente da norma adotada pelo Estado, cada povo ao invés de elaborar seu PPP por escola, elaborou um PPP que contemplava todas as escolas do povo.

Tratando, por fim, de um projeto político de Educação Escolar por povo e não por unidade de ensino dentro de cada povo. Durante a construção e reorganização documental, os professores (as), lideranças, estudantes, pais e comunidade, participam dando sugestões, fazendo críticas e reivindicando seus direitos, a fim de buscar melhorias na qualidade do ensino.

Na escola indígena, os educandos têm a possibilidade de se apropriar da história e tradição de seu povo, além das disciplinas comuns para todas as escolas, como matemática, ciências entre outras áreas do conhecimento. Contemplamos que cada povo tem sua própria linguagem. Assim sendo, priorizam reafirmar a língua materna de seu grupo.

Já nas instituições educacionais não indígenas, estudam alunos de origem indígena e não indígena todos aprendendo a conviver, respeitando e valorizando a cultura e diferenças de cada um. As propostas que podemos encontrar de jogos, brincadeiras e práticas esportivas dependem muito do funcionamento das instituições. Embora a realidade de algumas escolas não indígenas, em nenhuma circunstância se mostra promissora a respeito da interculturalidade para as

crianças em geral, ou seja, só em datas consideradas comemorativas, outras redes educacionais têm transformado as abordagens sobre a temática indígena.

Diante do exemplo, o bairro do Real Parque – Morumbi, localizado na zona sul da cidade de São Paulo, habitam cerca de 800 pessoas de etnia indígena pankararu, é mais do que necessário buscar e lutar por uma educação sem a reprodução de estereótipos para si mesmo e demais indivíduos da sociedade.

Vemos que as entidades educacionais procuram trabalhar práticas voltadas à temática indígena que contemplem os conhecimentos a respeito dos povos originários. Portanto, fazem uso dos documentos norteadores que tratam dessas questões para mais conhecimentos sobre os povos ancestrais. Optam por realizar visitas a comunidades indígenas, oportunizando aos estudantes um contato direto com a realidade dos povos de seu município ou região.

Convidam indígenas em determinadas situações para os alunos/professores/gestores/colaboradores, estabelecerem uma proximidade entre os diferentes povos, através de palestras e eventos culturais. Outras instituições educacionais têm desenvolvido projetos interdisciplinares sobre os povos indígenas e, dessa maneira, propiciam aos estudantes um processo continuado de pesquisa, estudo, reflexão sobre quem são as diferentes comunidades indígenas no Brasil.

Em muitos momentos notamos no ambiente escolar não indígena, uma atitude acolhedora, integradora e o incentivo por parte do educador (a) para que os educandos sejam eles de origem indígena ou não, tenham a possibilidade de se desenvolverem e avançarem em uma educação de qualidade e transformadora. Mas, por outro lado, percebem-se que não há formação destes docentes para um trabalho com as diferenças e, muitas vezes, eles nem são reconhecidos como tais pelos professores.

Observou-se a necessidade de garantir aos docentes uma formação para trabalhar com a diferença nas salas de aulas e superarem a perspectiva padronizada dos conteúdos. É de extrema importância pensar no processo de intervenções da educação intercultural, multicultural e de pluralidade para assim associar os conhecimentos e saberes indígena e não indígenas, por meio do diálogo e troca entre culturas.

Vemos o quanto, a escola tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos educando, buscando atribuições culturais,

sendo responsável pelas relações na comunidade educacional, trabalhando em equipe e valorizando o trabalho dos profissionais regentes, as ações pedagógicas que nos faz refletir criticamente sobre a prática para superar os obstáculos, e promover a interação dos diversos tipos de conhecimentos que se apresentam e se entrelaçam no processo escolar: de um lado, os conhecimentos ditos universais, a que todo estudante, indígena ou não, deve ter acesso, e, de outro, os conhecimentos étnicos, próprios ao seu grupo social de origem, que antes negados, e que hoje assumem importância crescente nos contextos escolares.

Vale ressaltar também a inserção de projetos específicos, diferenciados e interculturais, que estejam alinhados às expectativas dos pais, alunos e comunidade. E sempre mantendo os valores e a essência das escolas. Os conteúdos escolares vão além da sala de aula, seja nas manifestações culturais, na convivência do dia-a-dia entre outros espaços.

1.2 Lutas, desafios e possibilidades no contexto atual das escolas indígenas e não indígenas.

Novos tempos e grandes desafios, os povos indígenas apresentam uma história de luta e de resistência, ou seja, lutam por dignidade, consolidação de uma Educação Escolar Indígena pautada pelos princípios da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade, também pelo reconhecimento, respeito e direito de manter suas formas ancestrais de vida, lembrando que não há um dia marcado para isso. Embora a educação escolar indígena tenha que enfrentar vários desafios com relação à discriminação e preconceitos, o que fortalece a luta contra estes desafios é a tomada de consciência, por parte dos educadores, de que a educação é um compromisso de todos.

Reconhecemos à necessidade de construir conhecimento a base da cultura e educação, mas também devemos refletir que precisamos nos preparar para este novo desafio. Ainda, ocorre a falta de educadores indígenas ou não formados para atuar nas unidades escolares. A maioria das entidades educacionais vem encontrando várias dificuldades em entrelaçar suas práticas educativas mais comuns com a diversidade cultural dos alunos, isso porque os conteúdos selecionados e trabalhados pela escola não têm nenhuma relação com o universo cultural da sala de aula, a cultura que os alunos conhecem é apenas o folclore, ou seja, a cultura chamada tradicional distantes da realidade do aluno. Mas há uma grande variedade de ações possíveis circulando na atualidade de muitas escolas indígenas e não indígenas, para tratar sobre os povos originários nos ambientes escolares.

Para seguir estudando, os adolescentes precisam mudar de cidade e enfrentam os desafios provocados pela diversidade cultural na sociedade como, racismo, trabalho infantil, dificuldades de transporte e inadequação das propostas das escolas urbanas para sua realidade, esse é mais um dos desafios observados. A violência contra os povos indígenas e seus territórios também ainda persiste, sejam nas ameaças, tentativas de assassinato ou mortes. No que diz respeito aos povos indígenas, deve ficar claro que seus direitos territoriais não podem ser objeto de negociação.

Para contemplar a herança cultural destaco as seguintes informações obtidas na internet, cuja autoria é indígena e não indígena. Entre os meios digitais são apresentadas imagens, relatos da vida cotidiana, depoimentos e estratégias atuais de luta, ou seja, temas que variam de acordo com o objetivo do autor ou dos autores. Além disso, o educador (a) para melhor compreensão pode se beneficiar também de outras fontes de informações reais sobre a diversidade de povos, como por exemplo, citamos:

1. **Documentos:** oferecem orientações sobre práticas escolares, para uma educação transformadora.
 - Diretrizes curriculares nacionais, Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2013-pdf/13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf>
 - Currículo da Cidade: Povos Indígenas: Orientações pedagógicas - São Paulo: SME / COPED, 2019. Disponível em: [CURRÍCULO DA CIDADE](#)
2. **Livros:** São narrativas que transmitem os saberes oralmente aos leitores que buscam conhecer da melhor forma possível as questões sobre os povos indígenas.
 - PREZIA, Benedito. Terra à Vista – Descobrimto ou Invasão? Editora Moderna. 1996.
 - SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawal Leal (Orgs). Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola. São Paulo, Global, 2001.

É relevante o estudo da temática indígena para alcançarmos mudanças necessárias na sociedade, reconhecimento e melhor compreensão sobre a diversidade de povos indígenas. Precisamos refletir sobre o que podemos trazer de cultura para a escola, pois devemos tratar essas questões e passar uma imagem positiva sobre os povos originários na educação das crianças.

1.3 Formação inicial e continuada do educador (a) sobre a cultura indígena

Os professores indígenas passaram a assumir as salas de aula e a executar a docência, pois viviam em seus territórios, compartilhavam a língua e o modo de vida do grupo, aliás, atendiam a demanda de várias comunidades por formação de seus membros. Conforme o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas - (RCEI), Brasília, (1998), a maioria dos professores indígenas, não passou pela formação convencional em magistério. Uma grande parte deles domina conhecimentos próprios da sua cultura e tem precário conhecimento da língua portuguesa e das demais áreas dos conteúdos considerados escolares.

Enquanto isso, os professores não-indígenas que atuam nos territórios indígenas, mesmo quando têm a formação em pedagogia, não possuem conhecimentos sobre os povos indígenas, provocando, portanto, distorções no processo ou impedindo o desenvolvimento da proposta de uma educação intercultural. Ressaltamos a urgência de uma formação que possibilite aos professores de escolas indígena e não indígena, descobrir outras perspectivas centradas nas diversas ações como na cultura, no reconhecimento da diferença e na construção da identidade.

O educador (a) se constituirá num novo ator nas comunidades sejam indígenas ou não e terá que lidar com vários desafios que podem surgir com a introdução do ensino escolar. Portanto, sua formação sobre a cultura indígena deverá propiciar-lhe instrumentos para que possa se tornar um agente ativo na transformação do contexto escolar num espaço verdadeiro para o exercício da interculturalidade.

Do ponto de vista da formação dos professores, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Indígena, de 2012, não é possível pensar em uma formação padrão para o professor desse tipo de escola. Como cada uma é moldada para a cultura em que está inserida, faz sentido que os docentes façam parte da mesma cultura que os alunos, e, portanto, estejam preparados para lidar com suas realidades. De toda forma, os cursos de licenciatura, como o de

pedagogia, são obrigados pela resolução que os regulamenta a formar os futuros professores também para atuar em escolas indígenas.

Atualmente, as escolas indígenas exigem que seus profissionais da educação tenham formação. Portanto, hoje em dia eles não só dominam esses conhecimentos da cultura, mas também têm a formação, realizada por meio de cursos presenciais ou à distância. Com a finalidade de melhorar a educação indígena, os educadores têm a oportunidade de participar de formações continuadas diversificadas, sobre temáticas e projetos específicos referente aos povos indígenas, qualificando-se para atuar em suas escolas e comunidade.

No Brasil, o acesso a informações adequadas sobre os povos indígenas é ainda bastante falho o que dificulta a plena compreensão do que seja a educação escolar indígena, conduzida pelos próprios docentes indígenas e não indígenas. É, em vista, um compromisso público do Estado brasileiro que deve ser garantido pelos sistemas de ensino e suas instituições formadoras.

A formação inicial e continuada do educador indígena se dá através de um processo que pressupõe a observância de um currículo diferenciado que lhe permita atender às novas diretrizes para a escola indígena, devendo contemplar aspectos pensados como, por exemplo, a capacitação para a elaboração de currículos e programas de ensino específicos para as "Escolas Indígenas"; capacitação para produzir material didático-científico; capacitação para um ensino bilíngue, o que requer conhecimentos em relação aos princípios de uma Metodologia de Ensino de segundas línguas, seja a segunda língua em questão a língua portuguesa ou a língua indígena; entre outras questões.

Prosseguindo, tendo como exemplo, o programa saberes indígenas na escola, busca promover a formação continuada para professores indígenas, propiciando recursos didáticos e pedagógicos que contemplem as especificidades e conhecimentos voltados para a educação indígena básica, com foco nas séries iniciais e educação infantil. Observou-se no documento: Memórias e vivências: saberes e fazeres nas escolas indígenas pankararu _ Petrolina/PE 2019, a seguinte reflexão sobre o estudo realizado dentre um dos educadores (as) indígenas, para a professora cursista Cláudia Monteiro da Silva,

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, veio em um momento muito oportuno, pois com pouco tempo de experiência

em sala de aula, despertou nova forma e habilidades de trabalho, com o companheirismo dos colegas de trabalho, momentos esses que não esquecerei, a troca de experiências, as viagens a Floresta-PE sendo um dos momentos mais enriquecedor, por: Cláudia Monteiro da Silva - pág 62 – Programa Ação Saberes Indígenas na Escola).

Considerando o discurso acima, pela educadora Cláudia Monteiro da Silva, o curso teórico e prático, veio para somar e entrelaçar os conhecimentos que ela já tinha com o estudo, a troca, as relações entre os grupos nesse processo de formação, que dão base para uma educação específica e transformadora.

CAPÍTULO 2

PERFIL DE EDUCADORES (AS) INDÍGENAS

O educador (a) atuante na modalidade de Educação Escolar Indígena deve ter como princípio norteador do seu trabalho o fortalecimento, valorização e sentimento de pertencimento étnico entre as diferentes identidades indígenas. Ter visão ampla e ser comprometido com a causa educacional, tanto no universo indígena quanto no contexto mundial, levando em consideração o respeito pela especificidade dentro e fora dos territórios indígenas. Ser participativo, pesquisador, investigador, criativo, dinâmico e atento às questões sociais na execução das práticas culturais e das línguas faladas em suas comunidades.

Deverá desenvolver competências referenciadas em conhecimentos, valores, habilidades e atitudes próprias de seu meio cultural, ancorado nos saberes e práticas indígenas, o acesso a outros conhecimentos e informações específicas para cada nível de ensino. Também será necessário adotar e praticar a interculturalidade, além do bilinguismo para elaboração, desenvolvimento e avaliação de currículos e programas próprios. É de extrema importância a produção de materiais didático-pedagógicos diferenciados e específicos, em língua indígena, em Português, bem como material bilíngue, para serem usados com seus alunos. Ao exercer seu trabalho nas escolas indígenas, os educadores (as) têm que, diariamente, fazer escolha e tomar decisões que exigem ações de planejamento, registro e avaliação, por exemplo:

- Que assunto vou trabalhar hoje?
- Os alunos vão realizar o estudo em grupos ou individualmente?
- Que tempo vou dedicar ao conteúdo escolhido?
- Vamos vivenciar uma experiência na comunidade indígena ou a aula vai ser apenas dentro da sala de aula?
- Como vou avaliar o que os alunos aprenderam com essa atividade?

São tomadas de decisões que propiciam uma organização e dão uma direção à experiência educativa vivida pelos alunos e professores, em sua escola, num período de tempo, aliás, estar em constante mudança de acordo com as necessidades diversas que vão surgindo na comunidade educativa.

2.1 Jogos e brincadeiras indígenas na primeira infância

Para abrir esse capítulo, se fez necessário um breve levantamento de dados sobre algumas brincadeiras indígenas herdadas, pelos diversos grupos de indígenas do Brasil. Os indígenas possuem muitos jogos e brincadeiras, que são bastante conhecidos, outros também são comuns entre os não indígenas, como a peteca e a perna de pau, já outros são curiosos e originais. Há brincadeiras em que meninos e meninas participam juntos e outras específicas, só de meninos, ou de homens, como são as danças ou os jogos de luta, aliás, existem algumas que, antes do jogo começar, é preciso construir o brinquedo. Portanto, é necessário, achar o material certo, aprender a fazer o brinquedo e, só então, começar a brincar, pois construir o brinquedo também faz parte da brincadeira!

Figura 1° Terras Pankararu Crianças Brincando



Exposição da foto autorizada

Fonte: Aritano Silva/Azulão Pankararu

Breve descrição da brincadeira: A imagem retrata uma brincadeira que antes de começar, notamos que as crianças tiveram que pensar e achar os materiais a serem utilizados e assim fazer de conta que estão realizando o canto e a dança transpassada pelo seu povo.

Figura: 2° Crianças indígenas brincando de faz de conta na aldeia Pankararu



Exposição da foto autorizada

Fonte: Autora Francineide Silva

Breve descrição da brincadeira: Conforme o registro, as crianças estão fazendo o uso de elementos naturais oferecidos pela natureza, reciclável e brinquedos próprios, para representar um papel social da sociedade que o pratica.

A ludicidade se constitui por uma atmosfera de total liberdade e autonomia - por: (Santin, 1994. n.p.).

As brincadeiras tendem a ser mistas e realizadas em alguma parte da área interna das casas e terreiros. Percebe-se uma variedade das práticas lúdicas, ao mesmo tempo em que há uma relação muito forte das brincadeiras apresentadas tanto em um contexto quanto no outro, o papel da imitação desempenha uma função importante na vida dessas crianças indígenas, ou seja, a partir do brincar a criança tem possibilidade de aprender sobre seu meio social. Entre essas práticas lúdicas indígenas consta a seguinte brincadeira: "COLHEITA DE MANDIOCA".

Figura: 3º Crianças Brincando de Arranca Mandioca



Fonte: Rosa Gauditano

Para a brincadeira arrancar mandioca não é necessário nenhum objeto, embora faz-se necessário ter alguma árvore perto para começar a diversão. Assim, sentada no chão, a primeira criança segura a árvore e as outras vão se encaixando e segurando o colega da frente. Uma criança é escolhida para ficar em pé e nomeada a “colhedora de mandioca”. A ideia é ir “puxando” cada uma para fora, até que a criança que está agarrada à outra, solte as mãos de quem está na frente. O objetivo é tentar tirar todos e, para isso, retira-se um a um da fila. (online, [Brincadeiras Indígenas | Laboratório de Educação Infantil](#) - n.p.)

Como afirma o site: A importância dos jogos indígenas - NGIME, por profa Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira, são práticas lúdicas que contribuem para o desenvolvimento da motricidade, da sociabilidade, das emoções, da inteligência e do ser metafísico, entre muitos outros. Os jogos e brincadeiras indígenas apresentam características específicas, sejam atividades de passatempo, corporais, lúdicas, estratégias e/ou sorte em que permeiam os mitos, crenças, tradição e valores culturais de cada etnia, ou seja, vários significados peculiares.

Os Jogos Indígenas têm o papel de unir os povos, de mostrar para a sociedade o valor dos povos indígenas e [que] cada um pode utilizar o esporte para conquistar algo. Então, esporte não é só rendimento, mas é aquilo que você pode conquistar por meio do esporte. (Fernandes, Fernando, atleta paralímpico brasileiro, pág. 27).

Ao se tratar de identidade cultural relacionadas a essas modalidades, podemos dizer que os mesmos são fortes pilares que ajudam a contar a história,

modo de viver e pensar de um povo, que são transmitidas oralmente por gerações de adultos e crianças. Portanto, representam saberes históricos, conhecimentos, reflexões e verdades próprias sobre a origem do mundo de quem o vive e julga serem essenciais. Os tipos de competições podem variar entre certas dimensões individuais ou coletivas, existem diversas modalidades de jogos indígenas, divididos em três categorias: jogos de integração, de demonstração e ocidental.

A. Jogos de integração: são esportes tradicionais praticados pela maioria dos povos indígenas brasileiros.

Arremesso de lança:

Figura 4° - Indígena se preparando para fazer um arremesso de lança



Fonte: Gazeta Esportiva

- Objetivo - É à distância e não o alvo, portanto a técnica corporal é essencial para que o atleta consiga impulso;
- Nesta modalidade, cada atleta terá o direito de realizar três arremessos durante a prova. A contagem de pontos e a classificação serão feitas de acordo com as distâncias alcançadas pelos atletas.

Cabo de força:

Figura 5° Crianças indígenas brincando de cabo de força



Fonte: Portal Amazônia

- Objetivo - Medir a força física dos participantes;
- Após formar duas equipes, cada uma composta de 10 atletas e dois reservas. Ganha a equipe que conseguir trazer a fita que fica no meio do cabo para dentro de seu campo.

Corrida com o maracá:

Figura 6° Competição entre crianças: Corrida com o maracá



Fonte: Instituto Rogacionista Santo Aníbal

- Objetivo - Realizar a corrida em menos tempo.
- O que desenvolve: Agilidade e velocidade de movimento.
- A corrida com maracá é composta por uma mesma quantidade de participantes para cada equipe, onde cada um percorre uma certa distância, ao retornar o integrante do grupo irá passar o maracá para seu companheiro de equipe que completar em menos tempo. Lembrando que não é permitido que o Maracá caia no chão.

B. Jogos de Demonstração: são particulares de cada povo, praticados e disputados por integrantes da própria etnia com o objetivo de incentivar o resgate às práticas tradicionais.

Bate gancho:

Figura 7° Ritual Pankararu/Bate Gancho



Fonte: Chellton Bizerra

- Praticado somente pelos homens do povo Pankararu;
- O que desenvolve: Percepção do tempo de reação, velocidade de movimento, agilidade e resistência;
- A disputa é praticada durante o ritual (Menino do Ranho), tradição Pankararu, momento que chama muita atenção, alegria, torcida, força e fé na prática do que nos guia, que é a cultura. Portanto, acontece à batalha entre os céus (encantados/praias) e terra (padrinhos). Os participantes que assistem torcem pelos moços encantados (praias) derrubar os parentes (padrinhos) no bate-gancho. Defendendo-se com um gancho como escudo e evitando que o parente o derrube. Quando acertam o oponente, saem comemorando a conquista. O festejo é em prol de alguma graça alcançada, ou seja, possui vários significados e faz parte da promessa (cura) e da passagem pelas fases da vida Pankararu.

Huka-huka:

Figura 8° Disputa entre indígenas/povo xinguano



Fonte: Askschool

- Praticado por homens e mulheres do povo xinguano;
- A luta é praticada com os atletas de joelhos. No ritual, um homem chefe, que é considerado o dono da luta, vai até a parte central de uma arena e escolhe os adversários chamando-os pelo nome. Então os lutadores ficam frente a frente, ajoelham-se e giram de forma circular em sentido horário. Eles se encaram e começam a luta. A intenção é levantar o oponente e depois levá-lo ao chão.

C. Jogo ocidental: O futebol é o único esporte ocidental, visto como um exemplo capaz de unir os interesses de diferentes povos.

Futebol:

Figura 9° Competição de Futebol Feminino Figura 10° Competição de Futebol Masculino



Fonte: Amazônia Real



Fonte: Governo Federal

- Os indígenas também são apreciadores do futebol e se dedicam a esta modalidade. As regras são as mesmas estabelecidas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sendo que cada um dos tempos dura 30 minutos. As crianças costumam jogar futebol com gols e bolas improvisadas, também jogam no campo "oficial" da aldeia.

Os jogos indígenas surgem como um evento esportivo-cultural que tem como objetivo promover o esporte socioeducacional como uma forma de fortalecer a identidade das culturas tradicionais, estimulando valores originais entre as etnias. Durante a realização dos jogos o terreiro fica aberto ao público geral. Os indígenas também realizam cerimônias, com o apoio de padres e lideranças políticas da sociedade local. Antes da disputa de cada modalidade um povo convidado dança e canta, ou seja, realizam toantes e toré em homenagem

aos antepassados. Para povos que passaram mais de um século considerados extintos, os jogos são mais que provas de resistência física, através da cultura. Essas atividades ganham um aspecto lúdico entre os povos indígena.

GRANDO BELENI SALES, (2010), ressalta uma diversidade de jogos entre eles “os jogos de tabuleiro”, como prática pedagógica para integrar todas as idades em processos educativos e de lazer, são jogos encontrados entre os povos indígenas que vão além de um simples jogo.

Os jogos de tabuleiro são atividades lúdicas que utilizam as superfícies planas com desenhos ou marcações de acordo com as regras e instruções envolvidas em cada jogo específico. É preciso explicar bem as regras, essa organização e o acordo feito antecipadamente quanto às regras propicia uma característica de compromisso, além de evitar discussões injustas. Deste modo, a criança também aprende a importância de combinar e conhecer as regras antes do jogo, para depois assumir o compromisso de jogar conforme as regras estabelecidas.

Objetivos:

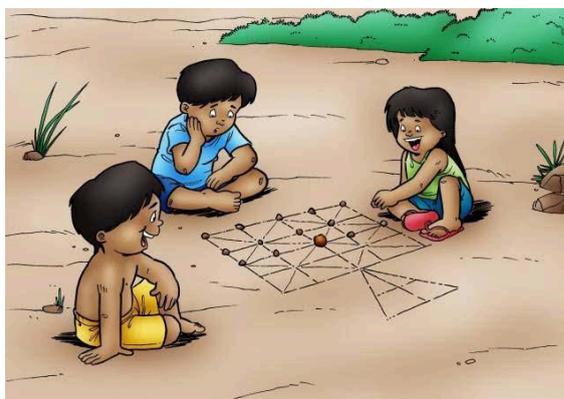
- Treino de controle emocional diante de ganhar e perder.
- Respeito e aceitação de regras e limites.
- Socialização, fortalecimento e construção das identidades étnicas.
- Relação espacial escala-área da superfície plana de acordo com as regras e instruções do jogo específico.
- Desenvolvimento da criatividade, estratégia.
- Planejamento, este elemento se faz presente nos dois momentos, pois é preciso planejar o espaço para a confecção e as jogadas.
- Atenção e concentração são elementos extremamente necessários no jogo de tabuleiro, pois exigem grande concentração de atenção por parte da criança. Portanto, é preciso estar atento às jogadas do parceiro e vice-versa, assim a criança pode agir e realizar as partidas do jogo de acordo com essas necessidades.

As atividades educativas interculturais, tendo por referência a diversidade étnica e cultural dos Povos Indígenas do Brasil, contribuem para educar, proteger,

ressignificar, revigorando identidades e formando pessoas qualificadas para compreender e usufruir de conhecimentos vindos dos diferentes universos culturais brasileiros. Quando se joga ludicamente em um tabuleiro, por exemplo. O Jogo da onça ou adugo (onça, na língua dos Bororos), a onça e os cães são representativos de força e ataque para alguns povos indígenas e o “puma” é poderoso entre os Incas, explica Lima (2004, p. 1). Para exemplificar, o autor cita que:

Entre os indígenas Bororos, no Mato Grosso, há um jogo chamado ‘jogo da onça’, cujo tabuleiro é traçado na terra e pedras são usadas como peças. Uma pedra representa a ‘onça’, sendo diferente das demais. Outras 15 peças representam os ‘cachorros’. Um jogador atua com apenas uma peça, a ‘onça’, com o objetivo de capturar as peças ‘cachorro’. A captura da ‘onça’ é realizada quando as peças ‘cachorro’ a encurralam, deixando-a sem possibilidades de movimentação.

Figura 11° Crianças Jogando o “Jogo da onça”.



Fonte: Atelier Digitais

Recentemente, segundo as pesquisas muitos desses jogos ainda são praticados nas aldeias. A criatividade dos indígenas na construção dos jogos e no uso de materiais encontrados somente na natureza circundante de suas terras deve ser registrada e ensinada aos não indígenas. Assim, acreditamos ser possível utilizar o jogo de forma contextualizada na escola. Para que isso ocorra, devemos conhecer os jogos dos diferentes povos do mundo indígenas e não indígenas, considerando a memória lúdica de diferentes sociedades.

CAPÍTULO 3

CONFECÇÕES DE BRINQUEDOS INDÍGENAS: CRIAR, FAZER E BRINCAR

É possível a confecção de uma diversidade de brinquedos, com objetivos claros, cada atividade de preparação se torna um trabalho rico que pode integrar as diferentes áreas do desenvolvimento infantil dentro de um processo vivencial, os brinquedos indígenas apresentados, podem se tornar vivências divertidas e educativas, pois, muitas das brincadeiras são capazes de proporcionar estratégias, equilíbrio e conhecimento. Sendo assim, criar seus próprios brinquedos é um processo que faz parte da cultura da infância. Portanto, faz parte de observar, experimentar, imaginar e transformar elementos.

Neste capítulo estão selecionados quatro brinquedos de etnia indígena, e em cada um o leitor encontrará:

- O nome do brinquedo;
- Imagem original e material reciclável do brinquedo;
- Campos de experiências;
- Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento – Que podem ser trabalhados com as crianças;
- Breve descrição sobre o brinquedo – Para mais conhecimento;
- Material – Descrição do material a ser utilizado;
- Metodologia – Para a preparação dos brinquedos.

Durante o processo da confecção dos brinquedos indígenas, surgirão situações inesperadas, pois apresento alguns jogos de tabuleiro, como práticas pedagógicas. A partir daí o educador (a) poderá ter novos objetivos a alcançar, criando muitas possibilidades para ampliar os recursos mediante a confecção de brinquedos e jogos.

PETECA

Figura 12° Peteca - indígena original

Palha de Milho Seca



Fonte: Museu das Culturas Indígenas

Figura 13° Peteca - material reciclável:

Jornal



Fonte: Autora: Francineide Silva

Campos de experiências: Corpo, gestos e movimentos.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: Promove a socialização entre as crianças; Exploração de movimento com o corpo; Estimula a coordenação motora; Desenvolve a criatividade; Usufruir de materiais recicláveis; Recuperar os valores culturais; Agilidade; Velocidade de movimento.

Breve descrição sobre o brinquedo: É um brinquedo bem conhecido, que pode ser confeccionado, através de diversas maneiras. Por exemplo, podemos destacar a utilização do jornal, um material simples e fácil de encontrar. Para a execução da brincadeira é necessário um espaço amplo para a realização dos movimentos, antes de iniciar será preciso formar um círculo contendo duas ou mais crianças, quem começar a brincadeira deve segurar a peteca com a mão e jogá-la de baixo para cima, com a outra mão, os jogadores podem criar suas regras e desafios. O objetivo do jogo é não deixar a peteca cair no chão, portanto o ganhador será aquele que não deixar a peteca cair nem uma vez.

Materiais necessários: Jornal, barbante e tesoura.

Metodologia: Após separar todos os materiais a serem utilizados, pegue uma ou duas folhas de jornal e amasse formando uma grande bola, logo em seguida coloque a bola de jornal no centro de outra folha, cubra e amarre com barbante.

BONECO DE GRAVETO/PESSOA GRAVETO

Figura 14° Boneco graveto original Figura 15° Boneco graveto/cofeccionado



Fonte: Exwick Heights Primary School.



Fonte: Autora: Francineide Silva.

Campos de experiências: O eu, o outro e o nós; Traços, sons, cores e formas; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: Desenvolve a criatividade, atenção, imaginação e estratégia; Construção da identidade; Estimula a coordenação motora. Promove a socialização e trocas de aprendizagem entre as crianças.

Breve descrição sobre o brinquedo: Os bonecos, depois de confeccionados ficam bem criativos, poderá auxiliar na contação de história, na responsabilidade e cuidado da criança sobre o brinquedo, no brincar sozinho ou em pares.

Materiais necessários: Sabugo de milho/talher de madeira/pequenos galhos de árvore; retalhos de tecido/fitas coloridas/lã de cores variadas/papel colorido/tinta guache/canetinha, hidrocor/fita durex colorida/cola de tecido, lantejoulas e olhos móveis, são sugestões de materiais para pintura e decoração das vestimentas.

Metodologia: Primeiro disponibilize para as crianças um talher de madeira/sabugo de milho ou galhos de árvore de preferência um em formato de Y e outro reto, além dos demais recursos a serem utilizados, logo após, peça para as mesmas pintar e decorar do seu jeito. Portanto, a criança poderá fazer um rostinho com caneta hidrocor contendo, por exemplo, olhos, nariz, boca e os

cabelos, por fim usar pedaços de papel colorido e se preferir escolha um retalho de tecido para fazer as roupas do seu próprio brinquedo.

Relatei duas experiências com a confecção dos brinquedos (boneco talher de madeira e graveto). Foram momentos encantadores para cada uma das propostas e foi possível trabalhar diferentes níveis de habilidades, todos com resultados muito positivos:

1º Caso: Criança de 6 anos e um mês de idade, nome: Davi.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

- Atenção - Mostrava-se muito atento no que estava produzindo.
- Concentração - apresentou muita concentração durante a execução do brinquedo e também para ouvir o que lhe diziam.
- Coordenação viso-motora - Possui boa capacidade em colagem, desenho e pintura.

REGISTRO

Figura 16º Sequência de imagem:

Criança realizando a confecção de um boneco/talher de madeira.





Fonte: Autora: Francineide Silva / Exposição da foto autorizada / Nome fictício

Desenvolvimento:

Propus que fizéssemos junto um boneco/talher de madeira, explicando-lhe que poderia usar o material que estava sobre a mesa (canetinha, cola colorida/bastão e acessórios como laço, cabelo e etc). Em seguida iniciamos o trabalho, pedir para que fizesse um rostinho no talher usando canetinha, depois que colasse um cabelinho de desenho, para finalizar passou cola colorida sobre o talher e colocou um laço como gravata.

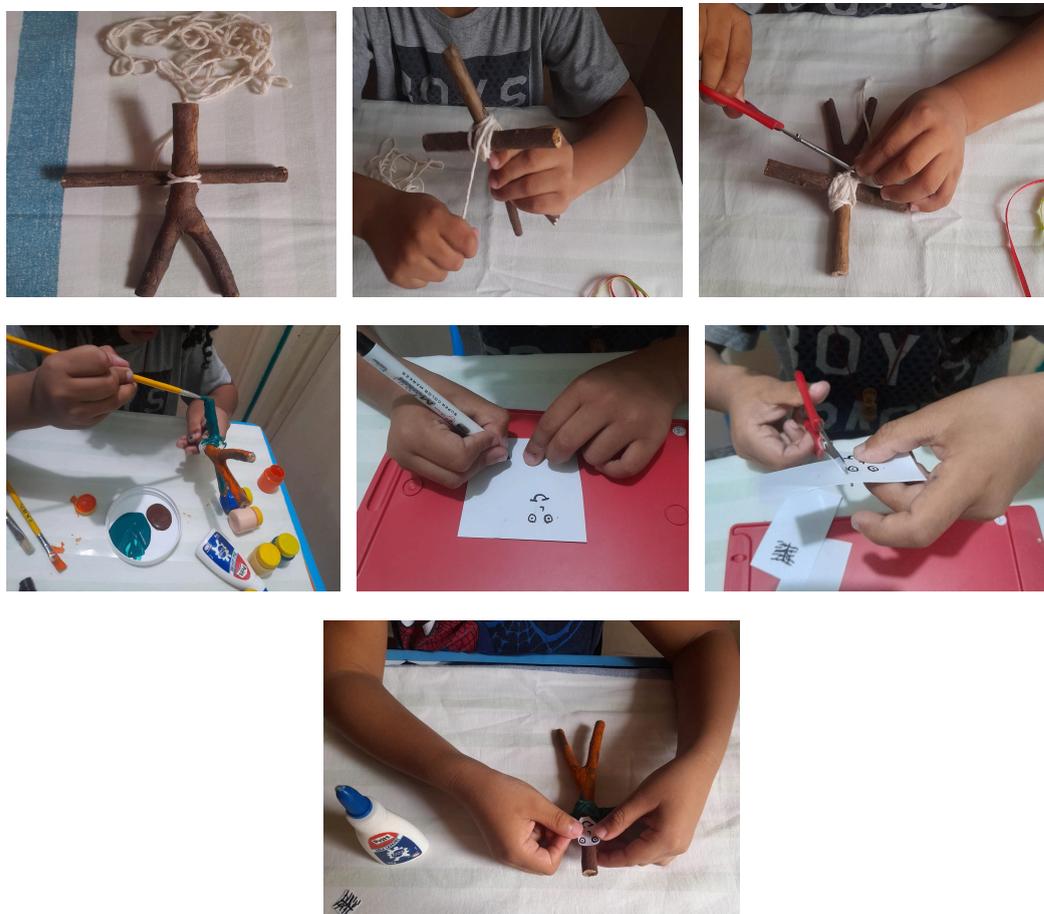
2º Caso: Criança de 6 anos e um mês de idade, nome: Davi.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

- Concentração - apresentou muita concentração durante a execução do brinquedo e também para ouvir o que lhe diziam. Também fez perguntas durante a confecção, para suas dúvidas serem esclarecidas.
- Controle segmentar/movimentos corporais das mãos - durante a tarefa de confecção.
- Aceitação das etapas de construção.
- Organização espacial das peças para serem coladas, locais de pintura e cores.

REGISTRO

Figura 17° Sequência de imagem: Criança realizando a confecção de um boneco/pessoa graveto



Fonte: Autora: Francineide Silva / Exposição da foto autorizada / Nome fictício.

Desenvolvimento:

Antes de disponibilizar os dois gravetos para a criança, decidi uni-los, utilizando um pedaço de barbante. O pequeno Davi fez várias voltas com o barbante, ajudei a dar um nó e logo após, ele recortou o que sobrou e realizou a pintura com as cores de sua preferência. Por fim, sugerir que o fizesse um rostinho e um cabelinho de desenho para ser colada no boneco pessoa graveto.

Resultado das duas propostas:

Davi ficou admirado com o produto final de seu trabalho e sentiu enorme satisfação em ver um brinquedo feito por ele, aumentando assim sua autoconfiança. Em ambos, os trabalhos realizados foram possíveis trilhar caminhos, aos quais atingiram a maioria dos objetivos esperados.

MARACÁ

Figura 18° Maracá

Indígena original/Povo Pataxó



Fonte: Flauta Nativa Ashar

Figura 19° Práias no ritual

Três rodas/Povo Pankararu



Fonte: Autora: Francineide Silva

Figura 20° Maracá

Material reciclável garrafa pet



Fonte: Solo Infantil

Campos de experiências: Traços, sons, cores e formas; Corpo, gestos e movimentos.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: Musicalidade; Noção de causa e efeito; Desenvolvimento auditivo; Movimentos corporais de preensão.

Breve descrição sobre o brinquedo: O maracá (chocalho de cabeça com sementes dentro) é um objeto musical usado para acompanhar o canto e a dança dos povos indígenas, depois de pronto as crianças podem balançar e escutar os efeitos sonoros.

Materiais necessários: Garrafa pet com tampa de preferência contendo um pequeno perfuro ao centro da tampa para colocar fitas coloridas, por exemplo; Cola colorida, tinta guache ou fita durex colorida; Fitas coloridas; Miçangas, pedrinhas ou grãos de alimento.

Metodologia: Ao fazer o instrumento musical disponibilize uma garrafa pet para a criança peça para pôr dentro dela pequenas pedras ou sementes, antes de fechar e se preferir, ajude a criança colocar uma pequena quantidade de fita na tampa da garrafa, para finalizar feche o material e decore conforme escolher.

BILBOQUÊ

Figura 21° Bilboquê: indígena original Figura 22° Bilboquê: material reciclável/Garrafa pet



Fonte: Trenzinho Brinquedos Educativos



Fonte: Ateliê Ramona Rodrigues

Campos de experiências: Corpo, gesto e movimento; Traços, sons, cores e formas;

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: Estimula a coordenação motora e equilíbrio; Noção espacial e lateralidade; Percepção visual; Concentração.

Breve descrição sobre o brinquedo: É um brinquedo muito antigo e tradicional dos povos indígenas, todo confeccionado em madeira, mas que pode ser feito com material reciclável, seu objetivo é a criança acertar a bola presa a um barbante no encaixe do brinquedo apenas balançando a mão.

Materiais necessários: Garrafa pet; Tampinha de garrafa; Jornal; Fita crepe e adesiva; Cola colorida; Tesoura; Barbante ou lã.

Metodologia: Após cortar a parte superior da garrafa, faça uma bolinha de jornal e prenda com o barbante para ficar mais resistente passe fita adesiva em volta. Amarre a outra ponta do barbante próximo ao bocal da garrafa. Com a utilização da fita crepe ou adesiva, envolva a parte cortada da garrafa para evitar possíveis acidentes enquanto a criança estiver brincando, agora sua função será decorar o bilboquê. Pode usar cola colorida, tinta guache ou fita adesiva. E pronto! O tema é importante porque está presente em nosso meio uma diversidade de povos

originários por todo o Brasil. Portanto, os diversos grupos de indígenas podem e deve de alguma forma contribuir para a educação, trazendo antigas atividades perdidas no tempo novamente ao presente e para conhecimento das novas gerações.

4.1 Propostas de atividades/brincadeiras da cultura lúdica indígena para a educação infantil de forma reflexiva e sem reforçar visões estereotipadas.

Conhecer o processo de construção da cultura indígena é uma dimensão valiosa para a escola, no sentido de oferecer oportunidade ao aluno de olhar o passado, bem como o presente, em busca de compreensão e conhecimento sobre a história do país. Implementar ações pedagógicas, associações às tradições negras e indígenas integrando objetos culturais utilizados no cotidiano como, por exemplo, as artes, os instrumentos musicais, literatura, culinária e muito mais. São inúmeras oportunidades que temos todos os dias para trazer a cultura e novos saberes dos povos ancestrais para o contexto escolar, através de vivências e práticas que façam sentido para as crianças.

Antes de iniciar propostas de atividade mais avançadas, seria interessante descobrir e analisar o que as crianças de fato conhecem sobre os povos indígenas. Poderíamos começar com um desenho livre, por exemplo, façam um desenho do que você imagina sobre os povos indígenas para introduzir o tema. Logo após, em uma roda de conversa discutam e compartilhem o que cada um fez e o que sabem sobre os diferentes povos indígenas, além de muito mais!

É de extrema importância convidar um palestrante de etnia indígena para trazer um pouco da sua cultura para as crianças, além de uma exposição de artesanatos e elementos indígenas expostos no dia seria interessante para as crianças. Pensando em propostas sobre povos indígenas, que sejam de fato significativas para as crianças, oferecemos, abaixo, algumas informações interessantes para estudo da temática indígena.

Arte indígena com argila: Essa é uma ótima maneira de realizar uma atividade dinâmica com as crianças, e aproveitar para falar sobre os costumes e diferenças entre as etnias, pois faz parte da cultura indígena fazer utensílios usando argila. Além disso, é uma maneira de mostrar como a nossa cultura atual é influenciada pela indígena. Afinal, muitos desses utensílios e artesanatos ainda são usados no dia a dia.

Outra atividade que pode ser feita é ensinar para os pequenos que algumas palavras de origem indígena vieram do tupi-guarani ou de outra língua indígena. Dentre elas destacamos algumas da língua tupi, por exemplo, peteca, pipoca, jabuticaba, tucano, tatu, guaraná, maracujá, amendoim, saci entre muitas outras que no dia a dia, é comum usarmos essas palavras.

O docente poderá disponibilizar um vídeo, exemplificando o nome e a ilustração dessas palavras, também há uma diversidade de brincadeiras lúdicas como: peteca; corrida do saci; cabo de guerra e arranca mandioca. Outra forma é selecionar e contar lendas. Dentre elas, por exemplo: Curupira; Saci Pererê, pois toda criança gosta de ouvir histórias. Por fim, a proposta seria a seleção de música e dança de origem indígena.

Pensando em idades pré-escolares, podem-se usar as seguintes estratégias lúdicas que irão somar na inclusão dessa abordagem inovadora destacadas no livro “Pré-escola, tempo de educar”, das autoras: Maria Lucia Thiessen e Ana Rosa Beal – 1986 confirmam:

- Mostrar fotos, levar os grupos a exposição de objetos indígenas (4 anos).
- Convidar um indígena para uma entrevista (5 e 6 anos).
- Preparar com as crianças um alimento indígena para a refeição (6 anos).
- Confeccionar tinta com elementos naturais que os diferentes povos indígenas usam como: urucum, jenipapo, barro branco, e deixar a criança se pintar em frente ao espelho (4, 5 e 6 anos).

Essas são algumas de muitas outras propostas de atividade relacionadas aos povos indígenas para as crianças da educação infantil, ao qual o educador pode recorrer a fim de obter modelos para o seu trabalho, cabe ao mesmo conhecer os objetivos, propostos em cada jogo ou brincadeira, a preparação prévia do material a ser utilizado e a possibilidade de perguntas e questionamentos por parte dos educandos. É justamente essa inserção cultural que possibilita a construção da identidade cultural das crianças pequenas, devemos sempre pensar na intencionalidade das ações pedagógicas e no que queremos alcançar com isso. Como podemos ver anteriormente, há muito que se aprende com esses povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza da cultura lúdica indígena, através dos jogos e brincadeiras herdadas pelos diversos povos é imensa e merece um novo olhar acadêmico. Ao analisar sobre como a cultura indígena, pode contribuir e auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças brasileiras da Educação Infantil vê que essas práticas lúdicas se encontram presente no cotidiano das crianças, mas nem sempre são valorizadas e transmitidas de maneiras significativas, e sim com visões preconceituosas. Desta forma, concluímos que é de grande relevância a formação do educador (a) sobre os povos indígenas, onde muitas vezes este não tem domínio da cultura indígena para atuar como agente de mudança no contexto escolar seja indígena ou não.

Em vista disso, conhecer a origem e demais informações sobre as modalidades de jogos e brincadeiras indígenas os faz refletir e pensar na intencionalidade dessas práticas pedagógicas. Identificou-se necessário criar e abordar os jogos e brincadeiras dentro das propostas pedagógicas atuais, com ênfase em uma educação diferenciada e transformadora capaz de usufruir de conhecimentos vindos dos diferentes universos culturais brasileiros. No entanto, a sequência de atividades contribui para o resgate da cultura lúdica dos povos indígenas de diferentes etnias.

A temática indígena nos espaços educacionais proporciona conhecimentos semelhantes às demais práticas não indígenas, portanto merece e deve fazer parte dos conteúdos escolares, tendo em vista uma educação intercultural, apesar da existência dos estereótipos impostos pela invasão colonial ainda na atualidade. Seguimos lutando e atualizando o antigo conhecimento em algo novo, mais fundamentado nas tradições.

O estudo desenvolvido atendeu as expectativas esperadas, gerando resultados satisfatórios, flexibilidade e possibilidade de análises sobre o assunto, podendo ser expandida quando necessário por meios digitais e sistemas operacionais distintos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANO, Bruno, 2022 - Saberes indígenas buscam espaço em sala de aula em meio a desafios. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/07/04/saberes-indigenas-buscam-espaco-em-sala-de-aula-em-meio-a-desafios-sembarreira.ghtml>. Acesso em 13 de ago. de 2023.

Amazônia, Portal. **Imagem 5° Crianças indígenas brincando de cabo de força, página, 39.** Disponível em: <https://images.app.goo.gl/QmdJ1KjaP6Cx6ceVA>. Acesso em: 01/11/2023

Aníbal, Instituto Rogacionista Santo. **Imagem 6° - Competição entre crianças, corrida com o maracá, página 40.** Disponível em: <https://images.app.goo.gl/Hw8mFa5LDuCB5jRGA>. Acesso em: 05 de nov. de 2023.

ARAÚJO, Felipe. **Arte Marcial Indígena.** Disponível em: https://www-infoescola-com.cdn.ampproject.org/v/s/www.infoescola.com/artes-marciais/huka-huka/amp/?amp_gsa=1&_js_v=a9&usqp=mq331AQIUAKwASCAAgM%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16985431569773&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fwww.infoescola.com%2Fartes-marciais%2Fhuka-huka%2F. Acesso em: 29 de out. de 2023.

ASHAR, Flauta Nativa. Imagem 18° Maracá Indígena Original/Povo Pataxó, página 51. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/mxRvXT8DnDiLFKTV6>. Acesso em: 16 de nov. de 2023.

ASKSCHOOL. **Imagem 8° Disputa entre indígenas/povo xinguano, página 41.** Disponível em: <https://images.app.goo.gl/fkXFEm67X11a41Be9>. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

BEZERRA, Chellton. **Imagem 7° - Ritual Pankararu/Bate Gancho, página 41.** Disponível em: <https://images.app.goo.gl/Yhy7F1pqAV4Qo1AH7>. Acesso em: 07 de nov. de 2023.

BONIN, Lara Tatiana. **Encarte Pedagógico I. Culturas Indígenas na sala de aula.** Edição: Patrícia Bonilha Publicação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Disponível em: https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim372_JanFev_Encarte-2015.pdf. Acesso em: 28 de set. de 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica /** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DIC, 2013. p. 562. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2013-pdf/13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf> Acesso em: 10 de nov. de 2023.

Brasil Escola - A importância da cultura no processo de aprendizagem. Disponível em: https://meuartigo-brasilecola-uol-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/meuartigo.brasilecola.uol.com.br/amp/educacao/a-importancia-cultura-no-processo-aprendizagem.htm?amp_js_v=a9&_gsa=1&usqp=mq331AQIUAKwASCAAgM=#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=

[16895312844889&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fmeuartigo.brasilecola.uol.com.br%2Feducacao%2Fa-importancia-cultura-no-proceso-aprendizagem.htm](https://www.globo.com/economia/censo/noticia/2023/08/07/censo-do-ibge-brasil-tem-17-milhoes-de-indigenas.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-app&utm_campaign=materias). Acesso em: 28 de maio de 2023.

Censo do IBGE: **Brasil tem 1,7 milhões de indígenas**. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/08/07/censo-do-ibge-brasil-tem-17-milhoes-de-indigenas.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-app&utm_campaign=materias. Acesso em 11 de ago. de 2023.

CLÍMACO, Fernanda. É para comemorar o dia do índio na escola, 2022. Disponível em: <https://fernandaclimaco.com.br/e-pra-comemorar-o-dia-do-indio-na-escola/>. Acesso em: 26 de set. de 2023.

COSTA, Elias Baltazar da. **Crianças Indígenas Nas Escolas Não Indígenas**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/586709792/2021-Crianças-indigenas-nas-escolas-nao-indigenas>. Acesso em: 09 de out. de 2023.

COSTA, Rama. **Jogos indígenas e resistência**. Disponível em: <https://fotodoc.com.br/ensaio/jogos-indigenas-e-da-resistencia/#:~:text=Para%20os%20jogos%20de%202022.da%20resist%C3%Aancia%20atrav%C3%A9s%20da%20cultura>. Acesso em: 29 de out. de 2023.

DAVID, Celso. **Como funciona a educação nas escolas indígenas atualmente**. Professor/diretor Celso David – Povo Pankararu - PE. Acesso em: 09 de out. de /2023.

DIGITAIS, Atelier. Imagem 11º Crianças jogando o jogo da Onça, página 44 no tcc. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/bjEvjJ8ceAb1yvLQ7>. Acesso em: 16 de nov. de 2023.

Educador, Canal do. Como trabalhar a cultura lúdica na escola. Disponível em: <https://m.educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/cultura-indigena-escola.htm>. Acesso em: 11 de out. 2023.

Educativos. Trenzinho brinquedos. Imagem 21º - Bilboquê Indígena original, página 52. Disponível em: <https://www.trenzinho.com.br/produtos/bilboque-indigena/#:~:text=Bilboqu%C3%AA%20%C3%A9%20um%20brinquedo%20todo,haste%20apenas%20balan%C3%A7ando%20a%20m%C3%A3o>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

Educlube. **Atividades sobre povos indígenas do Brasil para educação infantil**. Disponível em: <https://www-educlub-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/www.educlub.com.br/atividade-sobre-povos-indigenas-do-brasil-para-educacao-infantil/?amp=&gclid=Cj0KCQj0LwzrBhEgAR1AASsQAg>. Acesso em: 28 de nov. de 2022.

ESCOLA, Brasil. **Escravidão Indígena**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-indigena.htm#:~:text=Os%20%C3%AAdios%20eram%20vistos%20como,foram%20abolidas%20pelos%20padres%20jesu%C3%ADtas>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

Esportiva, Gazeta. **Imagem 4° Indígena se preparando para fazer um arremesso de lança, página 39.** Disponível em: <https://images.app.goo.gl/SLadL7TPsrRzLvPj7>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

FEDERAL, Governo. Imagem 10° Competição de Futebol Masculino, página 42. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/7z6JbJM9ZHfR7ZQ76>. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

FEITOSA, Fabiana Curto. **As artimanhas do jogo eurocêntrico no chão da escola.** Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/5824/4267#:~:text=Nas%20garras%20do%20passado%20colonial%3A%20a%20vis%C3%A3o%20euroc%C3%AAntrica&text=O%20problema%20aparece%20quando%2C%20no,povos%20ind%C3%ADgenas%2C%20e%20da%20%C3%81frica>. Acesso em: 01 de out. de 2023.

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. **A importância dos jogos indígenas – NGIME, 2012.** Disponível em: <https://www.ngime.ufjf.br/a-importancia-dos-jogos-indigenas#:~:text=Jogos%20ind%C3%ADgenas%20t%C3%AAm%20caracter%C3%ADstica%20espec%C3%ADficas.%2C%20estrat%C3%A9gias%20e%20Fou%20sorte>. Acesso em 13 de ago. de 2023.

FERNANDES, Fernando, atleta paralímpico Brasileiro, pág 27. Página 38 no tcc. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª. Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.** Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 28 de nov. 2022.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi / SECCHI, Darci / GUARANI, Vilmar. **LEGISLAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA** - Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4c.pdf>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

GUADITANO, Rosa. **Imagem 3° Crianças brincando de Arrancar Mandioca, página 38.** Disponível em: <https://images.app.goo.gl/ckFSsxfjQGxyZKDo9>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

GRANDO, Beleni Saléte. **Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola** - Cuiabá: EdUFMT, 2010. 171 p.: (algumas color.). Disponível em: <https://www.livrariamaraca.com.br/livros-para-download-gratuito/>. Acesso em 27 de out. de 2022.

HERRERO, Marina / FERNANDES, Ulysses / NETO, João Veridiano Franco. **Jogos e brincadeiras do povo kalapalo.** Apresentação Danilo Santos de Miranda e Ellen B. Basso. Museu da Língua Portuguesa - São Paulo: SESC, 2006. Acesso em 27 de out. de 2022.

INFANTIL, Solo. Imagem 20° Maracá reciclável de Garrafa Pet, página 51°. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/ExUZc1euKsW6WdSS9>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

INTEGRAL, Centro de referências em educação - Conheça mais sobre a educação escolar indígena. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-escolar-indigena/#:~:text=Foi%20s%C3%B3%20a%20partir%20de.%2C%20bil%C3%ADngue%20e%20comunit%C3%A1ria>. Acesso em: 29 de out. de 2023.

Laboratório de Educação Infantil - Brincadeiras Indígenas. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/brinquedoteca/infancia-indigena/brincadeiras-indigenas/>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

LOPES, Maria da Glória. Disponível em: **Jogos na educação: criar, fazer, jogar.** 4 Ed. rev. - São Paulo, Cortez, 2001. p. 196. Acesso em: 27 de out. de 2023.

LOURENÇO, Eduardo. **(Museu da Língua Portuguesa, n.p.) - Página 21 no tcc.** Acesso em: 21 de out. de 2023.

Memórias e vivências: **saberes e fazeres nas escolas indígenas pankararu** _ Petrolina/PE 2019. Disponível em: <https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/bitstream/123456789/476/1/EBOOK%20-%20Mem%C3%B3rias%20e%20viv%C3%AAcias%20-%20saberes%20e%20fazeres%20nas%20Escolas%20Ind%C3%ADgenas%20Pankararu.pdf>. Acesso em: 21 de out. de 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio.** Literatura infanto-juvenil – São Paulo: companhia das letrinhas, 1998. p. 72. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

Museu das Culturas Indígena. **Imagem 12º Peteca Indígena Original: Palha de milho seca.** Disponível em: Museu das Culturas Indígenas Acesso em: 14 de maio de 2023.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Educação Indígena.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/educacao-indigena/#:~:text=O%20papel%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ind%C3%ADgena,seja%20elas%20ind%C3%ADgenas%20ou%20n%C3%A3o>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

Parecer CNE/CEB nº 20/2009, Página 26 no tcc - BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DIC, 2013. p. 562. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2013-pdf/13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf> Acesso em: 10 de nov. de 2023.

Planeta Educação. Disponível em: <https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/a/492/dia-do-indio-8-atividades-para-ensinar-as-criancas-sobre-o-tema>. Acesso em 27 de out. de 2022.

Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pankararu>. Acesso em: 23 de abr. de 2023.

PREZIA, Benedito. **Terra à Vista – Descobrimento ou invasão?** Editora Moderna. 1998. Página 31 no tcc. Acesso em: 07 de maio de 2023.

Programa Ação Saberes Indígenas na Escola. Disponível em: <https://www.ifsertaope.edu.br/index.php/a-instituicao/noticias-em-destaque/15678-saberes-indigenas-2023>. Acesso em: 21 de out. de 2023.

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INDÍGENA. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_ingresso_2013/educacao_indigena.pdf. Acesso em: 02 de out. de 2023.

REAL, Amazônia, Imagem 9º Competição de Futebol Feminino, página 42. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/Ysvd8ZB7o9j2oYi4A>. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

Referencial Curricular para as Escolas Indígenas - (RCEI), Brasília, (1998). Acesso em: 12 de nov. de 2023.

REGIANE, Ferraz. **Brinquedos Indígenas: 14 Brincadeiras e Jogos mais usados.** Disponível em: <https://www.artesanatopassoapassoja.com.br/brinquedos-indigenas/>. Acesso em: 07 de maio de 2023.

Revista CHC – (Ciência hoje das crianças). **De mãos dadas com os povos originários.**, abril/2023 – pag, 5. Página 25 no tcc. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

Revista CHC – (Ciência hoje das crianças). **De mãos dadas com os povos originários.** Disponível em: <https://chc.org.br/artigo/de-maos-dadas-com-os-povos-originaarios/>. Acesso em: 22 de abr. de 2023.

RIBEIRO, Rosa Cristina / LUNA, Julia Falgeti / ALMEIDA, Bárbara Cristina Krungel de Barros. **Importância dos mitos para as sociedades indígenas.** Congresso internacional de história. Vol. VII/2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1152.pdf>. Acesso em: 09 de out. de 2023.

RODRIGUES, Ateliê Ramona. Imagem 22º/bilboquê: Material reciclável/garrafa pet, página 52. Disponível em: https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2F1.bp.blogspot.com%2F-frSvLdSwrcg%2FX9-jNkUSQPI%2FAAAAAAAXEw%2F7YBRwpNK5SA_i7ueQKsmITgAaZeNWnr6ACLcBGAsYHQ%2Fs640%2F132035711859195.jpg&tbnid=bJzSksI_lqRfNM&vet=1&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.atelieramonarodrigues.com.br%2F2020%2F12%2Fbrinquedo-bilboque-em-pet-personalizado.html&docid=T75DuD3CmFCoIM&w=640&h=480&itg=1&hl=pt-BR&source=sh%2Fx%2Fim%2Fm0%2F4. Acesso em: 28 de set. de 2023.

RHODEN, Kuno Paulo. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, (1999).** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10204-13-parecer-cne-ceb-14-99-diretriz-es-curriculares-nacionais-da-educacao-escolar-indigena/file#:~:text=O%20artigo%2078%20afirma%20que,e%20conhecimentos%20valorizados%20pela%20sociedade> Acesso em: 23 de abr. de 2023.

Saiba como promover uma Educação multicultural através dos Jogos Indígenas. Disponível em: <https://vivescer.org.br/educacao-multicultural-jogos-indigenas-strong/>. Acesso em: 09 de out. de 2023.

SANTIN, (1994. n.p), página 37 no tcc. Acesso em: 26 de set. de 2023.

SANTOS, José da Cruz dos. **Projeto Político Pedagógico das Escolas Estaduais Indígenas Pankararu.** Coordenador Geral – Povo Pankararu. Janeiro/2012. Acesso em: 07 de maio de 2023.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Povos Indígenas: Orientações pedagógicas** - São Paulo: SME / COPED, 2019. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/53254.pdf>. Acesso em: 16 de nov. 2022.

School, Exiwck Primary. **Imagem 14º Boneco graveto original, página 47.** Disponível em: <https://images.app.goo.gl/qbhGLWpyzZT4hp3U8> <Acesso em: 26 de set. de 2023.

SCHNAIDER, Schnaider Ana Paula, Fantoches de colher de pau. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/517251103/fantoches-de-colher-de-pau>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

SCHNAIDER, Schnaider, Ana Paula, Bonecos de graveto. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/517250777/bonecos-de-gravetos> Acesso em: 26 de set. de 2023.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawal Leal (Orgs). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola.** São Paulo, Global, 2001. **Página 31 no tcc.** Acesso em: 19 de nov. de 2023.

SILVA, Aritano João da. **Imagem 1° Terras Pankararu Crianças Brincando, página 36.** Azulão Pankararu. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid036CZjQRQSpdkgnBwnaT3qLa9oX8MUqCSmqG6227Zx4MNZ1tpgZMeoBwFRg5AbGyLrI&id=966523020204848&mibextid=Nif5oz Acesso em: 14 de nov. de 2023.

SILVA, Cláudia Monteiro da, (pág 62 – Programa Ação Saberes Indígenas na Escola), página 34 no tcc. Acesso em: 21 de out. de 2023.

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. **Imagem 2° Crianças indígenas brincando de faz de conta na aldeia Pankararu, página 37.** Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/7Zc7X3huNiAAUmGj6> Acesso em: 19 de nov. de 2023.

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. **Imagem 13° Peteca: Material Reciclável Jornal, página 46.** Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/xMaApY7u3FXEDgeJ6> Acesso em: 19 de nov. de 2023.

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. **Imagem 19° Praiás no ritual/Três Rodas-Povo Pankararu, página 51.** Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/iTK7kx7V51C9j9uQ9> Acesso em: 19 de nov. de 2023.

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. **Imagem 15° boneco graveto confeccionado.** Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/oLqM3TFihu9TcxZW6> Acesso em: 19 de nov. de 2023.

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. **Imagem 17° Sequência de imagem/ criança realizando uma confecção de boneco/pessoa graveto, página 50.** Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/oLqM3TFihu9TcxZW6> Acesso em: 19 de nov. de 2023.

SILVA, Francineide Vieira do Nascimento. **Imagem 16° Sequência de Imagem/criança realizando uma confecção de boneco talher de madeira, página 48/49.** Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/z6eoSBbBhQEetZ3x7> Acesso em: 19 de nov. de 2023.

SOUZA, 2006, (on-line, pág,3), **página 20 no tcc.** Acesso em: 07 de maio de 2023.

THIESSEN, Maria Lucia / BEAL, Ana Rosa. **Pré-Escola, Tempo de Educar.** Brasília, 1986. p. 160. Acesso em 11 de ago. de 2023.

THOMÉ, Ana Carol. **A natureza, a criança e seu poder criador e transformador, 2017.** Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/a-natureza-a-crianca-e-seu-poder-criador-e-transformador/>. Acesso em: 07 de maio de 2023.

VELASCO, Clara; CROQUER, Gabriel; PINHONI, Marina. **(online, g1, 2023 – n.p.), página 22 no tcc.** Acesso em 13 de ago. de 2023.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada Contribuições da Cultura Lúdica Indígena para a Educação Infantil, sob a responsabilidade de Francineide Vieira do Nascimento Silva e sob a orientação da/do Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

JUSTIFICATIVA: O estudo e desenvolvimento sobre esta pesquisa é de extrema importância, podendo levar os leitores a valorizar a cultura indígena e demais outras, também aos docentes pensar e buscar formas de implementar a cultura lúdica indígena nas escolas de forma diversificada, assim como as demais práxis não indígenas e sem visões preconceituosas.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Compreender como a cultura lúdica indígena pode em geral, auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças na Educação Infantil, isto é, voltados a práticas de jogos e brincadeiras como uma construção significativa.

PROCEDIMENTOS: Para este estudo a participação da criança é muito importante, se daria da seguinte forma, através de registros fotográficos, que retrata uma brincadeira de faz de conta/realização do canto e a dança transpassada pelo povo indígena da etnia Pankararu. Portanto, será realizado a partir da assinatura desta autorização. Imagem 1° - Terras Pankararu crianças brincando, página 36.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: Esclarecemos que o estudo será utilizado somente para os fins desta e futuras pesquisas, podendo ser expandida por meios digitais.

RISCOS E DESCONFORTOS: Esta pesquisa é considerada de risco mínimo. Porém, se em algum momento se sentir desconfortável, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados pela participação no estudo mesmo que não diariamente é oferecer aos leitores uma compreensão melhor sobre os povos indígenas de maneira a contribuir para a sociedade, principalmente para evitar visões preconceituosas.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Se o indivíduo apresentar algum desconforto, a forma de acompanhamento e assistência será integral e imediata, a atender eventuais danos imateriais decorrentes, direta ou indiretamente da pesquisa.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO: Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: Os pesquisadores se comprometem, de modo a preservar a identidade da criança durante todas as fases da pesquisa, inclusive depois de finalizada e publicada. As informações obtidas na pesquisa serão armazenadas e tratadas apenas para análise científica dos dados.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: Para participar deste estudo o participante da pesquisa não terá nenhum custo, nem receberá qualquer tipo de compensação financeira pela sua participação.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO: Fica garantido ao participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

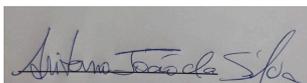
ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o participante da pesquisa poderá contatar o (a) pesquisador (a) Francineide Vieira do Nascimento Silva no telefone (11)972051821, ou endereço Barão de Castro Lima, 381 – BLO, 2B – APT, 53. Poderá também entrar em contato com a orientadora da pesquisa, Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP na Rua: Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: **Das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira.**

De acordo com a Resolução nº 466/12 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

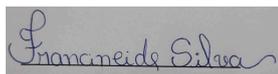
Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

São Paulo, 18 de novembro de 2023.



Participante da pesquisa/Responsável legal

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa "Contribuições da Cultura Indígena para Educação Infantil", eu, Francineide Vieira do Nascimento Silva, declaro ter cumprido as exigências do (s) item (s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.



Pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada Contribuições da Cultura Lúdica Indígena para a Educação Infantil, sob a responsabilidade de Francineide Vieira do Nascimento Silva e sob a orientação da/do Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

JUSTIFICATIVA: O estudo e desenvolvimento sobre esta pesquisa é de extrema importância, podendo levar os leitores a valorizar a cultura indígena e demais outras, também aos docentes pensar e buscar formas de implementar a cultura lúdica indígena nas escolas de forma diversificada, assim como as demais práxis não indígenas e sem visões preconceituosas.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Compreender como a cultura lúdica indígena pode em geral, auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças na Educação Infantil, isto é, voltados a práticas de jogos e brincadeiras como uma construção significativa.

PROCEDIMENTOS: Para este estudo a participação da criança é muito importante, se daria da seguinte forma, através de um registro fotográfico, que transmite uma brincadeira de faz de conta para representar um papel social da sociedade que o pratica. Portanto, será realizado a partir da assinatura desta autorização. Imagem 2° - Crianças indígenas brincando de faz de conta na aldeia Pankararu, página 37.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: Esclarecemos que o estudo será utilizado somente para os fins desta e futuras pesquisas, podendo ser expandida por meios digitais.

RISCOS E DESCONFORTOS: Esta pesquisa é considerada de risco mínimo. Porém, se em algum momento se sentir desconfortável, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados pela participação no estudo mesmo que não diariamente é oferecer aos leitores uma compreensão melhor sobre os povos indígenas

de maneira a contribuir para a sociedade, principalmente para evitar visões preconceituosas.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Se o indivíduo apresentar algum desconforto, a forma de acompanhamento e assistência será integral e imediata, a atender eventuais danos imateriais decorrentes, direta ou indiretamente da pesquisa.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO: Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: Os pesquisadores se comprometem, de modo a preservar a identidade da criança durante todas as fases da pesquisa, inclusive depois de finalizada e publicada. As informações obtidas na pesquisa serão armazenadas e tratadas apenas para análise científica dos dados.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: Para participar deste estudo o participante da pesquisa não terá nenhum custo, nem receberá qualquer tipo de compensação financeira pela sua participação.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO: Fica garantido ao participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o participante da pesquisa poderá contatar o (a) pesquisador (a) Francineide Vieira do Nascimento Silva no telefone (11)972051821, ou endereço Barão de Castro Lima, 381 – BLO, 2B – APT, 53. Poderá também entrar em contato com a orientadora da pesquisa, Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

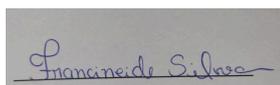
Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP na Rua: Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: **Das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira.**

De acordo com a Resolução nº **466/12** da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa

que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

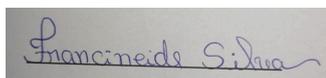
Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

São Paulo, 18 de novembro de 2023.



Participante da pesquisa/Responsável legal

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa “Contribuições da Cultura Indígena para Educação Infantil”, eu, Francineide Vieira do Nascimento Silva, declaro ter cumprido as exigências do (s) item (s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.



Pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada Contribuições da Cultura Lúdica Indígena para a Educação Infantil, sob a responsabilidade de Francineide Vieira do Nascimento Silva e sob a orientação da/do Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

JUSTIFICATIVA: O estudo e desenvolvimento sobre esta pesquisa é de extrema importância, podendo levar os leitores a valorizar a cultura indígena e demais outras, também aos docentes pensar e buscar formas de implementar a cultura lúdica indígena nas escolas de forma diversificada, assim como as demais práxis não indígenas e sem visões preconceituosas.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Compreender como a cultura lúdica indígena pode em geral, auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças na Educação Infantil, isto é, voltados a práticas de jogos e brincadeiras como uma construção significativa.

PROCEDIMENTOS: Para este estudo a participação da criança é muito importante, se daria da seguinte forma, através de registros fotográficos, que transmitem sequencialmente o processo de uma experiência/confecção de um boneco/talher de madeira realizada pela própria criança. Portanto, será realizado a partir da assinatura desta autorização. Imagem 16° Sequência de imagens - Criança realizando a confecção de um boneco/talher de madeira, páginas 48/49.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: Esclarecemos que o estudo será utilizado somente para os fins desta e futuras pesquisas, podendo ser expandida por meios digitais.

RISCOS E DESCONFORTOS: Esta pesquisa é considerada de risco mínimo. Porém, se em algum momento se sentir desconfortável, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados pela participação no estudo mesmo que não diariamente é oferecer aos leitores uma compreensão melhor sobre os povos indígenas de maneira a contribuir para a sociedade, principalmente para evitar visões preconceituosas.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Se o indivíduo apresentar algum desconforto, a forma de acompanhamento e assistência será integral e imediata, a atender eventuais danos imateriais decorrentes, direta ou indiretamente da pesquisa.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO: Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: Os pesquisadores se comprometem, de modo a preservar a identidade da criança durante todas as fases da pesquisa, inclusive depois de finalizada e publicada. As informações obtidas na pesquisa serão armazenadas e tratadas apenas para análise científica dos dados, o nome do participante está em absoluto sigilo e consta fictício.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: Para participar deste estudo o participante da pesquisa não terá nenhum custo, nem receberá qualquer tipo de compensação financeira pela sua participação.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO: Fica garantido ao participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o participante da pesquisa poderá contatar o (a) pesquisador (a) Francineide Vieira do Nascimento Silva no telefone (11)972051821, ou endereço Barão de Castro Lima, 381 – BLO, 2B – APT, 53. Poderá também entrar em contato com a orientadora da pesquisa, Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

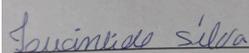
Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP na Rua: Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: **Das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira.**

De acordo com a Resolução nº 466/12 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em

sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

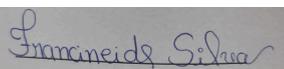
Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

São Paulo, 18 de novembro de 2023.



Participante da pesquisa/Responsável legal

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa "Contribuições da Cultura Indígena para Educação Infantil", eu, Francineide Vieira do Nascimento Silva, declaro ter cumprido as exigências do (s) item (s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.



Pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada Contribuições da Cultura Lúdica Indígena para a Educação Infantil, sob a responsabilidade de Francineide Vieira do Nascimento Silva e sob a orientação da/do Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

JUSTIFICATIVA: O estudo e desenvolvimento sobre esta pesquisa é de extrema importância, podendo levar os leitores a valorizar a cultura indígena e demais outras, também aos docentes pensar e buscar formas de implementar a cultura lúdica indígena nas escolas de forma diversificada, assim como as demais práticas não indígenas e sem visões preconceituosas.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Compreender como a cultura lúdica indígena pode em geral, auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças na Educação Infantil, isto é, voltados a práticas de jogos e brincadeiras como uma construção significativa.

PROCEDIMENTOS: Para este estudo a participação da criança é muito importante, se daria da seguinte forma, através de registros fotográficos, que transmitem sequencialmente o processo de uma experiência/confecção de um boneco/pessoa graveto realizada pela própria criança. Portanto, será realizado a partir da assinatura desta autorização. Imagem 17° Sequência de imagens - Criança realizando a confecção de um boneco/pessoa graveto, página 50.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: Esclarecemos que o estudo será utilizado somente para os fins desta e futuras pesquisas, podendo ser expandida por meios digitais.

RISCOS E DESCONFORTOS: Esta pesquisa é considerada de risco mínimo. Porém, se em algum momento se sentir desconfortável, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados pela participação no estudo mesmo que não diariamente é oferecer aos leitores uma compreensão melhor sobre os povos indígenas de maneira a contribuir para a sociedade, principalmente para evitar visões preconceituosas.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Se o indivíduo apresentar algum desconforto, a forma de acompanhamento e assistência será integral e imediata, a atender eventuais danos imateriais decorrentes, direta ou indiretamente da pesquisa.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO: Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, pode solicitar o encerramento dos registros bem como desistir de participar.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: Os pesquisadores se comprometem, de modo a preservar a identidade da criança durante todas as fases da pesquisa, inclusive depois de finalizada e publicada. As informações obtidas na pesquisa serão armazenadas e tratadas apenas para análise científica dos dados, o nome do participante está em absoluto sigilo e consta fictício.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: Para participar deste estudo o participante da pesquisa não terá nenhum custo, nem receberá qualquer tipo de compensação financeira pela sua participação.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO: Fica garantido ao participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o participante da pesquisa poderá contatar o (a) pesquisador (a) Francineide Vieira do Nascimento Silva no telefone (11)972051821, ou endereço Barão de Castro Lima, 381 – BLO, 2B – APT, 53. Poderá também entrar em contato com a orientadora da pesquisa, Profa. Dra. Maria Anita Viviani Martins.

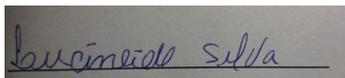
Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP na Rua: Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: **Das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira.**

De acordo com a Resolução nº 466/12 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em

sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

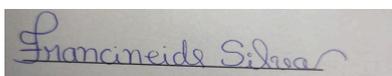
Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

São Paulo, 18 de novembro de 2023.



Participante da pesquisa/Responsável legal

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa "Contribuições da Cultura Indígena para Educação Infantil", eu, Francineide Vieira do Nascimento Silva, declaro ter cumprido as exigências do (s) item (s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.



Pesquisador (a)